



**Universidade  
Estadual de Londrina**

---

**VANESSA CAMILOTTI CARMANHANI**

**AS REVOLTAS DA VACINA: UMA ANÁLISE SOBRE AS  
INTERPRETAÇÕES DE NICOLAU SEVCENKO, JOSÉ MURILO  
DE CARVALHO E SIDNEY CHALHOUN NO CONTEXTO DA  
HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA PÓS – 1980.**

---

Londrina

2009

**VANESSA CAMILOTTI CARMANHANI**

**AS REVOLTAS DA VACINA: UMA ANÁLISE SOBRE AS  
INTERPRETAÇÕES DE NICOLAU SEVCENKO, JOSÉ MURILO  
DE CARVALHO E SIDNEY CHALHOUB NO CONTEXTO DA  
HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA PÓS – 1980.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação Licenciatura em História, da Universidade Estadual de Londrina, como pré-requisito para conclusão de curso.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Isabel A. Bilhão

Londrina

2009

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da  
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

C287r Carmanhani, Vanessa Camilotti.  
As Revoltas da Vacina : uma análise sobre as  
interpretações de Nicolau Sevcenko, José Murilo de  
Carvalho e Sidney Chalhoub no contexto da historiografia  
brasileira pós - 1980 / Vanessa Camilotti Carmanhani. –  
Londrina, 2009.  
57 f.

Orientador: Isabel Aparecida Bilhão.  
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de  
graduação Licenciatura em História – Universidade Estadual  
de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, 2009.  
Inclui bibliografia.

1. Historiografia – Teses. 2. Revolta da Vacina – Década

**AS REVOLTAS DA VACINA: UMA ANÁLISE SOBRE AS**

**INTERPRETAÇÕES DE NICOLAU SEVCENKO, JOSÉ MURILO  
DE CARVALHO E SIDNEY CHALHOUB NO CONTEXTO DA  
HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA PÓS - 1980.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação Licenciatura em História, da Universidade Estadual de Londrina, como pré-requisito para conclusão de curso.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel A. Bilhão

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel A. Bilhão Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvia Cristina Martins de Souza  
e Silva

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Monica Selvatici

Londrina

2009

A Deus, aos meus pais e aos meus amigos...

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores dedicados, os quais, sem nomear, terão meu eterno agradecimento.

A orientadora deste trabalho de conclusão de curso, companheira em todas as etapas desta pesquisa, pelo empenho e auxílio.

A minha família, que nos momentos de dificuldade e de minha ausência dedicados ao estudo, sempre me apoiaram e foram responsáveis por me fazer entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Aos meus amigos e aos queridos colegas de graduação, pela força que me proporcionaram nesta jornada.

Por fim, a Aquele que me permitiu tudo isso, ao longo de toda a minha vida, e não somente nestes anos como universitária, agradeço a Deus e reconheço que em todos os momentos Ele é o maior mestre que uma pessoa pode ter!

"Estude-se o historiador antes de estudar o seu trabalho, aconselhava Carr, acrescentando que todos os historiadores têm *abelhas no boné*, preocupações e obsessões próprias, e se não conseguimos ouvir o zumbido das abelhas ao ler uma obra de história, é sinal de que há algo de errado com o autor ou o leitor."

Richard J. Evans (*Que é a História Hoje?*-2006)

CARMANHANI, Vanessa Camilotti. **As Revoltas da Vacina: uma análise sobre as interpretações de Nicolau Sevcenko, José Murilo de Carvalho e Sidney Chalhoub no contexto da historiografia brasileira pós -1980.** 2009. 57p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina.

## RESUMO

Este trabalho insere-se na linha de investigação sobre as renovações historiográficas ocorridas no Brasil a partir da década de 1980. Através de uma análise desse contexto, objetivamos refletir sobre as influências que as transformações sociais, políticas e culturais do período exerceram no campo da pesquisa histórica. Naquele momento, houve um gradual processo de redemocratização e abertura política no cenário brasileiro, após um extenso período de restrições às liberdades individuais e censuras referentes aos meios de comunicação e propagação de idéias – exercidas pelo regime cívico-militar. Novas correntes teórico-metodológicas que estavam sendo difundidas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, chegaram ao Brasil com a tradução de diversas obras de estudiosos da História, como Carlo Ginzburg, Edward Thompson e Michel Foucault, além dos chamados *Brasilianistas*. Desta maneira, os historiadores brasileiros começaram a construir abordagens distintas e privilegiar outros tipos de fontes e personagens em suas análises. Pretendemos estudar esta renovação da historiografia brasileira através das diferentes análises produzidas sobre a Revolta da Vacina em um período que abrange pouco mais de uma década de estudos (1983 – 1996). Para tal finalidade, utilizaremos as abordagens de Nicolau Sevcenko (1983), José Murilo de Carvalho (1987) e Sidney Chalhoub (1996) em suas respectivas obras sobre a Revolta da Vacina.

**Palavras-chave:** Revolta da Vacina. Historiografia. Décadas de 1980 - 1990.

CARMANHANI, Vanessa Camilotti. **The Revolts of the vaccine: an analysis of the interpretations of Nicholas Sevckenko, José Murilo de Carvalho and Sidney Chalhoub in the context of the historiography post -1980.** 2009. 57p. Completion of Course Work (Degree in History) - State University of Londrina.

### **ABSTRACT**

This work is part of the line of research on the historiographical renovations occurred in Brazil since the 1980s. Through an analysis of this context, we aim to reflect on the influences that social, political and cultural period engaged in the field of historical research. At that time there was a gradual process of democratization and political openness in the Brazilian scene, after an extended period of restrictions on individual freedom and complaints relating to the media and spread of ideas - conducted by the military-civilian regime. New current theoretical and methodological approaches that were being circulated in Western Europe and the United States, arrived in Brazil with the translation of several works of scholars of history, as Carlo Ginzburg, Edward Thompson and Michel Foucault, and the Brazilianists. Thus, the Brazilian historians began to build different approaches and focus on other types of fonts and characters in their analysis. We intend to study this renewal of Brazilian history through the different analysis produced on the Vaccine Revolt in a period covering little more than a decade of study (1983 - 1996). For this purpose, we use the approaches of Nicholas Sevckenko (1983), José Murilo de Carvalho (1987) and Sidney Chalhoub (1996) in their respective works on the Revolta da Vacina.

**Key-words:** Revolta da Vacina, historiographical, 1980 - 1990 decades.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 As transformações no âmbito da historiografia brasileira nas décadas de 1980 e 1990.....	13
1.1 Contextualização histórica e política.....	13
1.2 Os autores e suas obras.....	18
2 A Revolta da Vacina: um primeiro estudo histórico na obra de Nicolau Sevcenko.....	22
2.1 O autor e seu contexto.....	22
2.2 O autor e sua obra.....	26
3 As motivações justificadoras da Revolta segundo José Murilo de Carvalho.....	33
3.1 O autor e seu contexto.....	33
3.2 O autor e sua obra.....	36
4 Sidney Chalhoub e a cultura afro-brasileira no contexto da <i>vacinophobia</i> .....	42
4.1 O autor e seu contexto.....	42
4.2 O autor e sua obra.....	46
CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS .....	56

## INTRODUÇÃO

No contexto que antecedeu a Revolta da Vacina, encontramos a cidade do Rio de Janeiro assolada por epidemias de doenças contagiosas e fatais, em virtude das quais, principalmente a população menos favorecida, sofria com a infecção do vírus da varíola. Naquele momento a Presidência da República era exercida por Rodrigues Alves, período no qual se visava a modernização e o saneamento da capital da República, medidas adotadas com o objetivo de atrair investimentos financeiros, imigrantes e alterar a imagem negativa que na Europa se propagava sobre a capital federal.

Embora a vacina tivesse sido descoberta em finais do século XVIII por Edward Jenner – que, através de pesquisas, notou que micróbios extraídos de bovinos infectados por uma doença similar à varíola poderiam ser utilizados como substância para imunizar os homens e servir como prevenção a esta calamidade - a prática da vacinação ainda tinha um caráter bastante limitado no Brasil.<sup>20</sup>

De tal maneira, era preciso descobrir um modo de ampliar sua aplicação nos habitantes da capital republicana. A obrigatoriedade da vacina e seu projeto de regulamentação, que se tornou público em 10 de novembro de 1904, foi a medida adotada pela administração pública.

As vítimas preferenciais de epidemias como a varíola, que tinham clara relação com as condições de higiene a que estavam submetidas, revoltaram-se contra o projeto que almejava erradicar um dos principais flagelos que se manifestava em desfavor à população e enfrentaram a repressão policial com paus, pedras, tiros, ataques a bondes, companhias de gás e com a construção de barricadas pelas ruas.

A Revolta da Vacina, ocorrida no Rio de Janeiro em 1904, foi, durante muito tempo, considerada um ato de ignorância do povo, o qual deveria ser esquecido e apagado da memória coletiva. Eram de difícil compreensão as reações contrárias a uma medida que tinha por finalidade acabar com um mal que acometia e dizimava centenas de habitantes.

---

<sup>20</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *As barricadas da saúde: vacina e protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República*. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002, p. 19.

Diante de tais apontamentos fica a dúvida: quais seriam as interpretações possíveis sobre as causas e motivações que desencadearam a revolta contra a vacinação obrigatória?

Apresentamos este breve panorama sobre a situação histórico-social do Rio de Janeiro do início do século XX, por considerá-lo fundamental para a compreensão de nosso objeto de estudo: as diferentes percepções que Nicolau Sevcenko<sup>21</sup>, José Murilo de Carvalho<sup>22</sup> e Sidney Chalhoub<sup>23</sup> possuem sobre a denominada Revolta da Vacina e suas respectivas influências motivadoras.

No presente trabalho, pretendemos refletir sobre os fatores que levaram, em um período de pouco mais de uma década (1983-1996), os autores mencionados a apontarem questões e enfoques distintos na análise sobre um tema em comum.

Mais do que apresentar as diferentes causas que os estudiosos elegem para a eclosão deste movimento social, procuraremos abordar os motivos que os induziram a levantar indagações distintas sobre o assunto trabalhado.

Nesse sentido, cabe esclarecer que a historiografia brasileira passou por um momento peculiar ao longo da década de 1980 e princípios da década de 1990. Depois de um período de repressão política, restrição das liberdades individuais e controle na propagação das idéias (representado pelo regime cívico-militar) abriu-se a possibilidade de edição ou reedição de inúmeras obras antes proibidas, houve a apresentação de novas formas de pensar o passado, novos objetos de estudo e diferentes perspectivas teóricas e metodológicas aos historiadores brasileiros.

Uma inovação da história política, bem como sua articulação com as histórias cultural e social, caracterizou o novo conjunto de estudos históricos no Brasil, sobretudo a partir dos anos 1980. Esse é o contexto no qual as obras que escolhemos como objeto de pesquisa estão inseridas.

---

<sup>21</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984, 93 p.

<sup>22</sup> CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi. In: \_\_\_\_\_. *Cidadãos Ativos: A Revolta da Vacina*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 91-139.

<sup>23</sup> CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. In: \_\_\_\_\_. *Variola, Vacina e "Vacinophobia"*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 97-185.

No primeiro capítulo, intitulado *As transformações no âmbito da historiografia brasileira nas décadas de 1980 e 1990*, procuraremos identificar, em nível nacional, as principais características da renovação no campo da disciplina histórica, as mudanças nas formas de pensar e escrever e as expectativas que se formavam em relação a essa área do conhecimento, objetivando contextualizar a produção das obras analisadas nesse estudo.

Buscaremos conhecer os enfoques e personagens privilegiadas nos estudos acadêmicos, as mudanças na escolha das fontes de pesquisa e o impacto ocasionado pela difusão de obras de autores como Carlo Ginzburg, Edward Thompson e Michael Foucault no fazer histórico, em meio ao processo de redemocratização e abertura política.

Para compreender tais transformações nos basearemos em três estudos que abordam, em diferentes medidas, a temática em foco. Inicialmente o prefácio da 4ª edição da obra *“Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII”* de Laura de Mello e Souza, no qual a autora insere seu trabalho nas discussões que permeavam o contexto histórico e político e nas inovações pela quais passava a historiografia brasileira no período. Este livro foi escrito no início de 1980, destinado à obtenção do título de mestre em História Social pela Universidade de São Paulo, mesmo período em que as obras eleitas como nossos objetos de análise foram redigidas.

A segunda obra a contribuir para esta discussão é o livro *“Os protagonistas anônimos da história: micro-história”* de Ronaldo Vainfas, publicado em 2002. Nele, Vainfas aborda a difusão de novas correntes historiográficas no Brasil e o impacto que as estas ocasionaram na área de Humanidades.

Por fim, utilizaremos as pesquisas de Ângela Maria de Castro Gomes referentes às teses e dissertações desenvolvidas no Brasil a partir dos anos 1980, especialmente o texto *“Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate”*, publicado pela revista *Estudos Históricos*, em 2004.

Após realizarmos essa contextualização, adentraremos no estudo de nossas fontes de pesquisa, que serão trabalhadas cada qual em um capítulo específico, seguindo a ordem cronológica de sua publicação.

De acordo com este procedimento, no segundo capítulo intitulado: *“A Revolta da Vacina: um primeiro estudo histórico na obra de Nicolau Sevcenko”*, trabalharemos com a interpretação que este autor faz sobre o tema em seu livro *A*

*revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*, de 1983, visando identificar as possíveis influências teórico-metodológicas presentes em sua abordagem sobre o evento e a análise que este faz sobre as motivações que levaram à eclosão da Revolta.

Continuamente, no terceiro capítulo deste estudo, intitulado de “*As motivações justificadoras da Revolta segundo José Murilo de Carvalho*”, nosso foco de análise serão as discussões presentes no capítulo IV (Cidadãos Ativos: A Revolta da Vacina) do livro *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*, publicado em 1987. Visamos observar os diferentes enfoques interpretativos que esta obra possui em comparação com as abordagens historiográficas realizadas por Nicolau Sevcenko.

O livro “*Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*” de Sidney Chalhoub, publicado em 1996, será trabalhado no quarto e último capítulo dessa pesquisa monográfica, intitulado “*Sidney Chalhoub e a cultura afro-brasileira no contexto da vacinophobia*”. Nele procuraremos identificar as principais orientações teórico-metodológicas que influenciaram a opção do autor em estudar – no capítulo três: *Varíola, vacina e “vacinophobia”* – o posicionamento das chamadas “classes perigosas”<sup>24</sup> sobre a situação e o contexto que envolvia a Revolta. A análise das influências da cultura africana e das práticas religiosas no movimento em questão, caracteriza outro foco de pesquisa nesta obra do historiador.

Os trabalhos escolhidos como objeto de estudo, tratam do tema com perspectivas diferenciadas e, ao contrapor essas abordagens, objetivamos demonstrar que um determinado fato não pode ser visto de maneira simplista, que há muitos elementos que influenciam as análises e interpretações sobre os acontecimentos do passado.

A Revolta da Vacina, apreendida por diferentes enfoques, demonstra como os historiadores são influenciados pelo que lêem em estudos anteriores à produção de suas obras e como estas se encontram inseridas em um determinado contexto da produção, ou seja, a escrita da história também é histórica.

---

<sup>24</sup> Para Sidney Chalhoub - em *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 29 -, o conceito de “classes perigosas” está diretamente vinculado às classes pobres, porque além de oferecerem problemas para a organização do trabalho e para a manutenção da ordem pública, este grupo oferecia também o perigo de contágio de doenças.

Resumindo e concluindo, o objetivo principal desse trabalho é identificar e analisar os principais aspectos que motivaram os historiadores estudados – que escreveram em um período cronológico relativamente próximo – a elegerem enfoques, fontes e hipóteses norteadoras distintas sobre a Revolta da Vacina. Embora no decorrer dos capítulos o leitor possa se deparar com questões históricas sobre o movimento popular em estudo, nossa pesquisa não tem a intenção de descrever ou apresentar uma nova interpretação sobre a Revolta.

## **Capítulo 1 – As transformações no âmbito da historiografia brasileira nas décadas de 1980 e 1990.**

### **1.1. Contextualização histórica e política**

Como foi dito, até meados da década de 1980, o Brasil encontrava-se em um contexto de restrição das liberdades individuais e de propagação das idéias, características que possuíam uma direta vinculação com o regime cívico-militar em vigor. Neste período criou-se um ambiente de censura, no qual qualquer expressão contrária aos interesses do governo poderia ser abafada e reprimida com violência.

Apesar da universidade ser um dos principais focos de crítica ao regime, sobretudo no que se refere aos cursos da área de Humanidades, o historiador Ronaldo Vainfas<sup>25</sup> relata que ao mesmo tempo em que o Brasil passava pelo conturbado período autoritário, houve também a expansão de programas de pós-graduação de várias instituições universitárias do país.

Em consonância com o governo do general Ernesto Geisel (1974-1979), figura responsável pelo início do lento e gradual processo de abertura política, as universidades cresceram e começaram a ampliar seus horizontes acadêmicos e a desenvolver uma prática de pesquisa.

Contudo, a pesquisa acadêmica e os cursos de História, adotaram preferencialmente metodologias de estudo vinculadas a uma história de viés socioeconômico, especialmente marxista, o que caracterizou certa forma de barreira

---

<sup>25</sup> VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p.8-9.

intelectual à recepção das chamadas nova história social e cultural, produzidas na Europa e nos Estados Unidos.

Apesar da permanência dos procedimentos de repressão às liberdades individuais, a década de 1980, no cenário brasileiro, foi de anistia política (1979), de luta pelo fim do regime de exceção e a favor da redemocratização, expressa no movimento da campanha pelas *Diretas Já* (1984), e do desenvolvimento de importantes movimentos sociais.<sup>26</sup>

As inovações trazidas pela *Nova História Cultural* dos italianos, ingleses e norte-americanos e as contribuições da *História das Mentalidades* dos franceses, chegaram ao Brasil em meados da década de 1980, com um atraso de dez ou quinze anos em relação à difusão de tais tendências na historiografia européia e norte-americana.<sup>27</sup>

De qualquer modo, a crescente tradução da bibliografia teórica e dos livros de historiadores das referidas tendências, como Carlo Ginzburg, Jacques Le Goff, Michel Foucault, Pierre Nora e Edward Thompson, contribuíram para o *boom* da renovação da história socioeconômica e de sua articulação com uma história cultural, que chegava com maior intensidade em nosso país, sobretudo, no final da década de 1980 e início da década de 1990.

Neste contexto, podemos observar que os antigos modelos interpretativos entravam em descompasso com as renovações acadêmicas. Laura de Mello e Souza, que redigiu, em 1980, sua dissertação de mestrado, *Desclassificados do Ouro: A pobreza mineira no século XVIII*, apresenta um breve panorama da conjuntura em análise, em suas palavras:

[...] *Desclassificados* foi concebido num contexto de hipertrofia do estado brasileiro nos seus aspectos mais nefastos e negativos. As liberdades individuais não existiam, o medo era constante e geral o desalento [...]. Havia, na época, grande fascínio pelas formas alternativas de viver e pensar, as desconstruções parecendo bem mais promissoras do que se afigurariam depois. Estudar os vencidos, os *de baixo*, não era, no Brasil de então, mero modismo, mas forma de situar-se no mundo, de divergir e buscar caminhos novos [...].<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate*. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, n.º 34, julho-dezembro, 2004, p. 159.

<sup>27</sup> GOMES, op. cit., p. 7.

<sup>28</sup> SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do Ouro: A pobreza mineira no século XVIII*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004, p. 9-10.

A expansão dessa revisão historiográfica certamente sofreu resistências de diversos tipos, visto que ela alterava formas de compreensão e perspectivas consagradas e compartilhadas há muito tempo entre os historiadores brasileiros, como as análises de cunho socioeconômico, de caráter mais estruturalista, do marxismo. Entretanto, o novo conjunto de estudos que atingia as formas de pensar e escrever ganhou relevante força na área de pesquisas históricas.

Ângela de Castro Gomes destaca como a situação acadêmica, nas últimas décadas do século XX, apontava para um conjunto rico e diversificado de estudos na área de Humanidades. De acordo com a autora, os alunos dos programas de pós-graduação em história e ciências sociais, começaram a escolher novos objetos de estudo e privilegiar temas da história social e cultural.<sup>29</sup> Tal fato torna-se compreensível ao analisarmos o *boom* de vertentes e tendências historiográficas imersas neste cenário de produção acadêmica.

Segundo essa autora, formou-se um *pensamento social* no Brasil e vários universitários se preocuparam em estudar temas centrados na questão da cidadania e dos direitos humanos, vinculando tais abordagens às suas respectivas trajetórias de modificações na sociedade brasileira.

A renovação historiográfica que ocorreu neste período influenciou diretamente as obras de grande número de historiadores brasileiros. Os estudos sobre a Revolta da Vacina de Nicolau Sevcenko, José Murilo de Carvalho e Sidney Chalhoub, inserem-se neste contexto mais amplo e diversificado, num momento em que, nas palavras de Castro Gomes, o conjunto de pesquisas históricas,

[...] retomava o grande tema da questão social, recusando a predominância de um enfoque socioeconômico mais estrutural e passando a privilegiar abordagens que ressaltavam variáveis políticas e culturais, para um melhor entendimento das relações sociais construídas entre dominantes e dominados. Com isso, ao lado de categorias já empregadas e que não são abandonadas, como a de classe social e ideologia, outras são introduzidas e consideradas de eficaz valor explicativo, como é o caso das de etnia, pacto, negociação e cultura política. [...]<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> GOMES, op. cit., p. 159.

<sup>30</sup> GOMES, loc. cit.

As novas correntes historiográficas que se expandiram no Brasil a partir da década de 1980, foram responsáveis por uma renovação tanto teórica quanto prática neste campo de estudos. Os historiadores se defrontaram com uma enorme gama de possibilidades de abordagens, de escolha de temas, uso de novas fontes, enfoques e escolhas de períodos que até então não eram privilegiados.

Os modelos pautados na ênfase econômica e marcados pela orientação marxista estruturalista, que adotavam uma análise baseada na linearidade e previsibilidade, começaram a ser rejeitados. As explicações de fatos históricos fundamentadas em elementos “externos” ao processo analisado passaram a ser consideradas inadequadas às novas perspectivas e anseios dos pesquisadores da área de história.

As recentes orientações teórico-metodológicas trouxeram como proposta a interpretação dos fatos históricos a partir de sua localização no tempo e no espaço, ressaltando a pesquisa dos processos sociais a partir de fatores “internos”, ou seja, negava-se o uso de “verdades” preestabelecidas e esquemas de análise prévios. Muitos estudos desenvolvidos no período aqui trabalhado pretenderam analisar as idéias e ações dos sujeitos envolvidos diretamente na cena histórica para que estes adquirissem “lugar e voz”.

Outra recusa teórica de grande importância que pode ser observada, diz respeito aos modelos que tratam da relação entre dominantes e dominados, no campo político, econômico e cultural.

Carlo Ginzburg trabalhou com o termo "circularidade cultural", para falar da interação entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas, conceito que se opõe ao paradigma existente de oposição entre a denominada cultura popular e a intitulada cultura erudita. O estudioso defende que a cultura dominante não é capaz de excluir a dominada, deste modo, partindo das concepções de Ginzburg, Ângela C. Gomes considera que

[...] entre seres humanos, não há controles absolutos e ‘coisificação’ de pessoas, e que, nas relações de dominação, os dominantes não ‘anulam’ os dominados, ainda que haja extremo desequilíbrio de forças entre os dois lados. Do ponto de vista empírico, portanto, a assertiva traz para a cena histórica, além de um sem número de idéias e ações dos dominantes, outro sem número de idéias e ações dos dominados, até então sequer imaginadas como possíveis. Tudo isso se articulando em campos de análise que guardam

independência relativa entre si, bem como profundas conexões e influências mútuas.<sup>31</sup>

Nesta dimensão, a pesquisa histórica pós-1980 encontrou a possibilidade de formular novas questões, conceber diferentes tipos de relações entre as classes sociais e utilizar outros tipos de fontes. Os teóricos da Europa Ocidental, propagados no Brasil em um momento de redemocratização e abertura política, abriram diferentes perspectivas de estudo que foram sendo aprimoradas no decorrer dos anos que se seguiram.

Edward Palmer Thompson exerceu relevante influência na pesquisa histórica brasileira especialmente com sua obra *A formação da classe operária inglesa*, publicada em português em 1987. Neste estudo, o autor analisou a dimensão cultural e os aspectos considerados importantes da vida comunitária dos trabalhadores "pré-industriais", privilegiando a noção de experiência de classe, em detrimento da idéia de consciência.

Entre os anos de 1980-1990 encontramos vasta incorporação de elementos presentes na abordagem de Thompson, verificada na produção historiográfica em diferentes áreas, como os estudos sobre os trabalhadores assalariados, sobre a escravidão, ou sobre a cultura popular.

A possibilidade de se trabalhar com a dimensão social das idéias e pensamentos, o exercício de crítica interna dos objetos de pesquisa e a alternativa de explorar as fontes e atores de um mundo considerado marginal, foram incorporados ao procedimento historiográfico brasileiro. Deste modo, podemos observar que, como ressalta Castro Gomes,

Tais abordagens, portanto, querem afirmar e privilegiar a ação dos atores históricos, inclusive a dos dominados, sem negar a importância dos constrangimentos sociais mais amplos. Isso significa que toda ação social é pautada pela liberdade dos atores, vista como um produto de permanentes negociações diante de sistemas normativos que, se por definição são limitadores, não eliminam escolhas, possibilidades e interpretações de mundo. [...]<sup>32</sup>

Além dos novos enfoques, perspectivas e personagens antes negligenciados trazidos para o âmbito da pesquisa histórica; houve a incorporação

---

<sup>31</sup> GOMES, op. cit., p. 160.

<sup>32</sup> GOMES, op. cit., p. 165.

de processos criminais, testamentos, jornais, correspondências, memórias, imagens, textos literários, entre outras tantas fontes anteriormente consideradas “heterodoxas”, que se tornaram objeto de pesquisa para os historiadores que vivenciaram o contexto em análise.

Neste sentido, Carlo Ginzburg indicava, em um trabalho publicado no ano de 1989 (*Mitos, emblemas e sinais*), o estudo das “pistas” e “indícios”, ressaltando o quanto é necessário valorizar o singular e o oculto na análise documental e não apenas aquilo que se mostra evidente.

Além do mais, neste estudo, Ginzburg defende que a história é uma disciplina indiciária, que deveria utilizar o método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, que são considerados reveladores e remontam a uma realidade não experimentável diretamente. Segundo o autor, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural; os sinais inconscientes e imperceptíveis num primeiro momento devem ser analisados pelo historiador. Como os caçadores ancestrais que através de indícios mínimos reconstruíam o aspecto de um animal que nunca viram, que através das pistas deixadas pela presa identificavam uma série de eventos, assim deve ser o historiador.<sup>33</sup>

Todas estas perspectivas e renovações proporcionaram uma nova forma de conceber e interpretar a história para os estudiosos da área. Estes, agora, interessavam-se por temas, problemas, fontes e abordagens até aquele momento considerados irrelevantes ou não acessíveis, devido ao contexto de repressão e censura característicos do regime cívico-militar brasileiro (1964 -1985).

Segundo Ângela de Castro Gomes, os trabalhadores do Brasil e as demais personagens anônimas e ocultadas diante dos estudos históricos de até então, começaram a ser vistos como sujeitos de sua história, estando longe da posição de passividade, inconsciência ou de rebeldia radical, mesmo que submetidos as mais duras condições de violência.<sup>34</sup>

## 1.2. Os autores e suas obras

---

<sup>33</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. Trad. Federico Carotti. SP: Companhia das letras, 2007, p. 143-179.

<sup>34</sup> GOMES, op. cit., p. 182.

A partir das novas possibilidades de estudo que foram se apresentando aos historiadores, começou a surgir o interesse pela análise das classes menos favorecidas, daquelas personagens que não ganhavam destaque na historiografia brasileira, ou que nela compareciam a partir de uma visão estruturalista.

Os denominados “personagens anônimos” da história, as categorias sociais enquadradas como grupos “dominados” e/ou “marginalizados”, despertaram um interesse especial por parte dos estudiosos que buscavam pesquisar e escrever de uma maneira diferente daquela característica da época do regime. Gradualmente, os historiadores foram renovando suas concepções históricas e as obras dos estudiosos que analisaremos neste trabalho refletem as preocupações e o impacto da historiografia européia e norte-americana no Brasil pós-1980.

A Revolta da Vacina pode ser considerada um dos eventos históricos que ganhou maior visibilidade em meio às transformações pelas quais passaram os estudos históricos. Entendida como um protesto popular, este movimento agrupava manifestantes de diferentes categorias sociais, profissionais, nacionais e étnicas.

A presença dos mais diferentes grupos mostrava aos historiadores a possibilidade de pesquisar seguindo novos caminhos, que interagem com as concepções teórico-metodológicas então difundidas no Brasil. Não se buscava mais privilegiar as classes dominantes e as grandes personagens da história, em contraposição, “os de baixo” despertavam interesses e ganhavam impulso nos trabalhos produzidos a partir do período em foco.

A voz dos trabalhadores, desempregados, ex-escravos e outros grupos sociais que passaram a ser analisados, com suas experiências e expectativas, começaram a ter importante destaque nos estudos, assim, a Revolta da Vacina, interpretada sob a ótica de Nicolau Sevcenko (1983), José Murilo de Carvalho (1987) e Sidney Chalhoub (1996), insere-se neste contexto mais amplo de produção acadêmica.

A primeira obra sobre este tema surge somente após 79 anos da eclosão do movimento. Nicolau Sevcenko, em 1983, dedica-se a analisar a Revolta e a tentar entender as motivações de um evento histórico até então desprezado no cenário acadêmico, pois era considerado algo de menor importância para a compreensão da história nacional.

Entretanto, caberia a questão, por qual motivo tal parcela da história do povo e da nação brasileira teria sido “esquecida” durante tanto tempo? Leonardo Affonso de Miranda Pereira analisa os jornais que apoiavam as medidas do governo no início do século XX e atenta para o fato de que a Revolta parecia, para eles, não ter nenhuma lógica, pois

[...] Ainda que soubessem ter sido a proposta de regulamentação da lei que tornara a vacina obrigatória seu estopim, a maior parte de seus redatores mostrava não acreditar ser essa a causa verdadeira dos distúrbios. [...] Suas ações não teriam, assim, um objetivo preciso, sendo simples manifestações irracionais de uma revolta descontrolada e assustadora. [...] <sup>35</sup>

As obras que selecionamos como objeto de pesquisa caracterizam a alteração nas formas do pensamento e da escrita da história, assim como a renovação responsável por modificar os modelos interpretativos que tratavam da questão social no Brasil até a década de 1980. <sup>36</sup>

Cada um dos estudos que serão trabalhados nos capítulos que se seguem, adotou um mesmo tema de pesquisa, porém, analisou o evento histórico com diferentes abordagens e focos de estudo. Verificamos, em princípio, a presença de uma abordagem mais próxima do marxismo, no entanto, no decorrer dos anos, as produções historiográficas sobre a Revolta da Vacina vão dialogando com maior intensidade com as contribuições da nova história cultural e da nova história social dos teóricos então difundidos em âmbito nacional.

Desta forma, consideramos nesse estudo a proposição de José Carlos Reis de que o conhecimento histórico está vinculado à época de sua produção, ao presente do historiador. Pois, por ser indissociável de seu próprio tempo, o historiador produz um conhecimento dominado pela perspectiva, pela mudança, pelo presente, pelo condicionamento social, político e pessoal; portanto, o conhecimento produzido torna-se instável e discutível. <sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *As barricadas da saúde: vacina e protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República*. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002, p. 94.

<sup>36</sup> GOMES, op. cit., p. 157.

<sup>37</sup> REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 151.

Além do mais, esse autor ressalta que a reescrita da História torna-se essencial pelo fato do conhecimento histórico estar em constante transformação: novas fontes, novas técnicas, metodologias, teorias e pontos de vista são responsáveis pela reavaliação contínua do passado. Esta afirmação do autor dialoga diretamente com os objetos de pesquisas que selecionamos. Imersos em um contexto de transformações e reavaliações das antigas práticas de estudo, as obras que dispomos para análise apresentam interpretações condizentes com o período e ambiente em que foram escritas.

Assim, cabe sublinhar que levaremos em consideração que o conhecimento histórico é dominado pela mudança, pelas transformações expressas em diferentes temporalidades, que são responsáveis por selecionar e interpretar de forma divergente os eventos e fatos do passado, seguindo a lógica e as aspirações relativas ao presente. Neste sentido, argumenta Reis:

[...] Todo historiador é marcado por seu lugar social, por sua 'data' e por sua pessoa. Vêm-se sempre aparecer obras novas sobre o mesmo assunto. À medida que o tempo passa, novas experiências são acrescentadas às precedentes, e novas esperas são desenhadas. O passado é assaltado por interrogações novas, que oferecem respostas diferentes das anteriores. Em cada presente há um esforço de compreensão: de autolocalização pela rearticulação de passado e futuro. [...] <sup>38</sup>

De tal modo, pretendemos refletir sobre como as produções historiográficas de Nicolau Sevcenko, José Murilo de Carvalho e Sidney Chalhoub, sobre a Revolta da Vacina, ocorrida na capital republicana em 1904, são produtos do contexto de transformações teórico-metodológicas que caracterizaram a produção historiográfica brasileira nas décadas de 1980 e 1990.

Que interpretação cada obra possui sobre este evento histórico? O que influenciou os autores a pensarem de tal maneira? Que concepções permanecem e quais visões se alteram nas distintas obras? Estes e outros questionamentos serão discutidos nos próximos capítulos desse trabalho.

## **Capítulo 2 - A Revolta da Vacina: um primeiro estudo histórico na obra de Nicolau Sevcenko.**

---

<sup>38</sup> Idem. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 11.

## 2.1. O autor e seu contexto

A Revolta da Vacina pode ser considerada um dos maiores levantes populares ocorridos na história do Brasil durante o transcorrer do século XX. Este evento tem sido classificado como emblemático, pois, trata-se de um fenômeno de grande complexidade e repleto de implicações políticas, socioculturais, científicas e morais, que abrem espaço para diversas possibilidades analíticas. No entanto, o interesse historiográfico sobre a presente temática despertou-se apenas setenta e nove anos após sua eclosão no Rio de Janeiro da Primeira República.

Nicolau Sevcenko foi o primeiro acadêmico a publicar uma obra de cunho histórico que dedicava maior atenção a esta parcela da história brasileira, trabalhou com um assunto que se mostrava esquecido e aparentemente não atraía interesses para estudo.

Na sua obra “*A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*”, publicada em 1983, Sevcenko apresenta uma abordagem nova e diferenciada para a época em questão. O autor elege um evento, personagens históricos e uma abordagem que até o momento não eram foco de estudo para os pesquisadores da área de História.

Sabemos que é de extrema relevância entender que os fatos do passado registrados por profissionais do meio acadêmico, que interpretam as fontes e documentos históricos, estão impregnados de agentes influenciadores do seu tempo vivido. Compartilhamos a idéia de José Carlos Reis de que a história é uma criação do historiador enquanto “sujeito” de seu próprio tempo, desta forma, o historiador se volta para o passado com as inquietações de seu presente e interpreta-o parcialmente de acordo com seus desejos, influências e interesses momentâneos.<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 8-20.

A data de uma obra revela muito sobre o contexto histórico em que foi produzida. A “História” é subjetiva justamente por ser produzida por historiadores que utilizam em sua interpretação e escrita muito de seu tempo presente e de sua ótica particular, que refletem a época e sociedade em que vivem.

Diante de tais considerações, faz-se necessário conhecer um pouco da trajetória intelectual de cada autor, para posteriormente buscar compreender sua obra e respectiva percepção histórica.

O estudioso em análise, Nicolau Sevcenko, é filho de imigrantes russos, da região da Ucrânia, que vieram para o Brasil fugindo da perseguição bolchevique. Nasceu em São Vicente (SP), em 1952, e dividiu sua infância entre o trabalho, o esporte e os livros. Sua formação educacional ocorreu em escolas públicas ao longo de toda vida de estudante e a paixão pelos livros foi algo que o acompanhou desde o início do período escolar.

O estudioso argumenta que o interesse pela História se deu, em parte, pela situação obscura de sua família, refugiados políticos. Seu avô era um militar que foi vítima de uma perseguição que acabou tirando a vida de grande parte dos parentes. A curiosidade e o desejo de conhecer esta dimensão de sua família, origem e ascendência foram fatores que levaram Sevcenko a optar pelo estudo da História.

Fora do contexto familiar e comunitário, o autor em menção teve uma experiência de vida difícil, porém enriquecedora. Além do mais, em suas palavras,

[...] o ambiente familiar era mais de pressão do que de estímulo. O objetivo era de, por meio do ensino, obter compensação pela desgraça histórica que se abateu sobre a família. E não apenas estudar, mas formar-se em Engenharia, que seria o ponto ideal desse esforço. O que eu sempre tive foi uma espécie de atração por disciplinas de natureza mais científica, como Ciências Naturais ou as ditas Ciências Exatas. Se me perguntassem àquela época, eu responderia que seguiria uma carreira nesse campo. Enfim, era um pouco nesse horizonte que eu estava pensando quando o vestibular se aproximava. Minha decisão em favor da História e das Ciências Humanas foi mais tardia. Nunca foi fácil compreender ou responder a isso. Acho que foi aquele contexto do final da década de 1960, começo de 70, em que o mundo de repente ficou de cabeça para baixo e os personagens centrais da história eram os jovens que àquela altura estavam focados em

filosofia, em artes, em estética, em comportamento, e de alguma forma me deixei contaminar por aquele espírito. E foi o desejo de compartilhar essa atitude de rebelião, de negar um mundo do qual eu também não gostava e querer participar de um processo de tentar construir algo novo, para o qual era necessária uma bagagem que eu entendia, àquela altura, ser sobretudo de natureza intelectual.<sup>21</sup>

Segundo Sevcenko, a opção pelo curso de História caracterizou uma crise do ponto de vista familiar. Era como se ele estivesse abandonando os valores da família em um ato de rebeldia.

Ingressou na Universidade de São Paulo (USP) em 1972, num contexto sócio-político que não favorecia a área das Humanidades. Havia espionagem e a polícia ficava circulando ao redor do campus. No início da década de 1980 a PUC tornou-se uma alternativa à USP, recebendo professores e intelectuais perseguidos, fator que favoreceu o curso de História. Sobre o seu trabalho no ensino superior na PUC, Nicolau Sevcenko ressalta que,

[...] no começo da década de 1980, aquele era um espaço muito agitado e incrivelmente criativo. Tinha um ambiente que não havia mais na USP, que foi se tornando mais dispersiva e, naquele momento em que a ditadura ia ruindo, a grande motivação agregadora na Universidade de São Paulo também ia se desfazendo. [...]. O ambiente ficou menos estimulante, menos atraente e, em alguma medida, atravessado de ressentimentos, de histórias mal resolvidas. Na PUC, ao contrário, era uma tremenda efervescência, ligada à cena cultural, numa tentativa de buscar uma conexão – porque o país estava se abrindo para o que estava acontecendo fora – e através disso fazer germinar novas idéias, novas atitudes. [...]<sup>22</sup>

Sevcenko formou-se em História pela Universidade de São Paulo (USP) em 1976, onde também concluiu seu doutorado em História Social (1981), em 1990 finalizou seu Pós-Doutorado na *University of London* e obteve o título de Livre-Docência em 1992, pela USP. Foi professor dos departamentos de História da PUC-SP e Unicamp, sendo atualmente professor

---

<sup>21</sup> MORAES, José Geraldo Vinci de & REGO, José Marcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 339.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 341-342.

titular da USP. Suas linhas de pesquisa estão relacionadas à História da cultura, principalmente no que se refere ao século XX.

De acordo com Edward H. Carr, é de suma importância analisar o autor da obra para podermos compreendê-la, uma vez que tão importante quanto o conteúdo do texto são as características peculiares de quem o escreve, pois o historiador pertence ao presente, não ao passado. Não existe fonte, texto ou livro que não esteja “contaminado” pela ação humana e por seu próprio tempo.<sup>23</sup>

Ao pesquisar e redigir “*A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*”, Nicolau Sevcenko encontrava-se inserido nas inquietações próprias de sua época e sociedade. Como mencionado no capítulo anterior, o Brasil pós-1980 estava passando por uma série de transformações políticas, sociais e intelectuais que influenciaram diretamente no trabalho historiográfico.

A história do povo brasileiro despertou um interesse de grande relevância nos historiadores que fizeram parte deste universo acadêmico que começava a ser renovado. Em meio aos estudos com ênfase marxista-estruturalista, voltados a questões políticas e econômicas, não havia motivação para a pesquisa sobre a Revolta da Vacina, evento histórico que permanecia silenciado até aquele período.

Com a introdução de novas concepções teórico-metodológicas no cenário intelectual brasileiro, os historiadores se defrontaram com a possibilidade de selecionar, construir e defender posições e interesses diversificados, com o foco analítico muitas vezes voltado para a História Cultural e para os “personagens anônimos”. Partindo deste contexto, podemos compartilhar dos argumentos de José Carlos Reis, quando ele defende que

A obra histórica, [...], não é individual e caprichosa. Não é fruto do devaneio ocioso de indivíduos solitários, contemplativos e ociosos. Ela tem a marca da época e da instituição da qual emerge. A obra histórica emerge e retorna a uma comunidade científica, que a recebe, a proíbe, ou silencia. Tudo isso define o que será selecionado para a pesquisa e como esta será feita. Não é um saber isento. A obra histórica não é individual, mas institucional. A instituição define linguagens, doutrinas, disciplinas, rituais de verdade, cargos e posições, hierarquias,

---

<sup>23</sup> CARR, Edward Hallet. *Que é história?* 8ª ed. Trad. Lúcia Maurício de Alverga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, pp. 43-65.

títulos, privilégios. [...] Nenhuma obra é exterior à sociedade. [...]<sup>24</sup>

Nicolau Sevcenko, ao publicar suas pesquisas sobre a Revolta da Vacina no início da década de 1980, encontrava-se imerso em uma conjuntura que propiciava e, principalmente, influenciava as escolhas e abordagens que o autor utilizou. O referido estudo pode ser visto como fruto das particularidades culturais, sociais e políticas de seu espaço e época de produção, aliado às crenças, convicções pessoais, idéias e personalidade do autor.

## 2.2. O autor e sua obra

Em novembro de 1904, significativa parcela da população carioca saiu às ruas para protestar contra o projeto de lei que regulamentava a vacinação obrigatória contra a varíola. A capital da República foi cercada pela Marinha e pelo Exército, enquanto nas praças a polícia e os cidadãos se enfrentavam.

Evento característico da história brasileira que deveria ser ocultado, pois se tratava de um ato de ignorância da população que se rebelava contra uma medida que tinha por finalidade dizimar um mal que acabava com centenas de vidas, no Rio de Janeiro do início do século XX. Através dos estudos de Leonardo Pereira, podemos observar que os defensores do governo recriminavam os revoltosos afirmando que

[...] os conflitos seriam fruto da ação inconseqüente e criminosa de ‘arruaceiros’ que, com seu ‘vandalismo’, serviam passivamente a uma causa que lhes seria estranha [...]. Se insistiam na idéia de que a revolta era alimentada pela manipulação de lideranças que aconselhavam o povo ‘a resistir à mão armada’, utilizando-se do ‘mar de sangue fratricida’ para alimentar disputas e ambições pessoais, tais críticos do movimento não deixavam de notar serem, aqueles que responderam por tal chamado, simples ‘desordeiros’ que faziam da ocasião um mero pretexto para promover suas badernas.

---

<sup>24</sup> REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 171.

[...] fruto da ação isolada de grupos marginais que teriam 'o gosto bárbaro de fazer a desordem, ensangüentar as ruas e sobressaltar a família brasileira'.<sup>25</sup>

Tais percepções sobre a Revolta da Vacina fizeram com que esta fosse considerada por muito tempo como um protesto que não era digno de ser lembrado no âmbito da história nacional, principalmente por ter ocorrido em um momento em que o país visava à modernização, o saneamento, o crescimento econômico, a atração de investimentos estrangeiros e um padrão de vida europeu; com a extinção de hábitos populares considerados incivilizados (urinar, cuspir nas ruas e nos veículos, mendigar, carregar cães pelas ruas, etc.).

Através de suas pesquisas Nicolau Sevcenko buscou atribuir uma racionalidade a este evento. A escolha do tema e as personagens privilegiadas em seu estudo revelam muito do universo intelectual brasileiro do período em análise. Logo de início, através do título de sua obra (*A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*), Sevcenko coloca em questão a visão e as causas que eram atribuídas ao movimento: insanidade e rebeldia. Segundo o autor,

[...] A matança coletiva dirigia-se, [...], contra um objeto unificado por algum padrão abstrato, que retira a humanidade das vítimas: uma seita, uma comunidade peculiar, uma facção política, uma cultura, uma etnia. Personificando nesse grupo assim circunscrito todo o mal e toda a ameaça à ordem das coisas, os executores se representam a si mesmos como heróis redentores. [...].<sup>26</sup>

Nesta passagem do texto pode-se identificar quais personagens o pesquisador visa privilegiar em sua análise. A população menos favorecida, os grupos populares e suas ações são os focos da abordagem histórica, diferentemente do período anterior à renovação historiográfica brasileira.

---

<sup>25</sup> PEREIRA, op cit., p. 57.

<sup>26</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 07.

Como já foi dito, com o *boom* das novas correntes historiográficas, tradução de obras teóricas de autores europeus e norte americanos e com as diferentes possibilidades da aplicação de metodologias de pesquisa, que se apresentaram ao Brasil no momento em que o regime autoritário ruía, os historiadores foram gradualmente revendo os paradigmas de estudo e demonstrando interesse por áreas e abordagens diversas. Imerso neste contexto de produção acadêmica, Nicolau Sevcenko relata que no começo da década de 1980,

[...] a cultura pareceu ser a arena por excelência onde se reconfiguravam os projetos de transformação da sociedade e dos valores. Embora eu tenha tido uma sólida formação nessa historiografia, com ênfase [...] em estudos de natureza política e econômica, desde o início minha inclinação foi para fazer um trabalho na área da cultura. Meu interesse nos trabalhos durante o curso era puxar os temas para o campo cultural. Até certo ponto, várias outras pessoas da minha geração [...] já apontavam para essa virada da produção intelectual em direção à própria substância da linguagem, dos valores e das representações simbólicas. Para nós, ainda foi um momento em que se disputava esse espaço, que era muito contestado. Mas acredito que, depois do esforço dessa primeira geração, isso foi se tornando cada vez mais uma opção possível. Hoje a situação se reconfigurou muito em favor dos estudos centrados em temas culturais, com enorme interesse dos pesquisadores e dos próprios alunos de graduação.<sup>27</sup>

Quando redigiu sua obra sobre a Revolta da Vacina, em 1983, Sevcenko vivenciava um momento de transição na historiografia brasileira. Sua formação com notável caráter econômico e político pode ser visualizada no estudo em questão. Apesar de acompanhar as transformações intelectuais da época, nele o autor não rompe totalmente com as particularidades teórico-metodológicas que predominavam no cenário historiográfico até aquela fase. Ele aborda o tema seguindo um viés próximo ao marxismo, com percepção política e economicista. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*, está repleta de indícios que afirmam a característica em análise.

[...] As autoridades brasileiras colaboravam na constituição de bolsões de ordem e saúde, onde as burguesias nacional e internacional poderiam circular e aplicar com segurança,

---

<sup>27</sup> MORAES & REGO, op cit., p. 346-347.

cálculo e previsibilidade. O sucesso da campanha da vacinação e, de uma forma mais ampla, do processo de Regeneração, em implantar uma nova sociedade no Rio de Janeiro, foi tamanho e tão facilmente constatável, que muitos representantes da elite dirigente viram nele uma forma de redimir o atraso do país, aplicando-o a todo o território nacional. Foi por isso um adágio muito freqüente dentre as elites nesse primeiro terço da fase republicana, o de que 'o Brasil é um imenso hospital'. [...], esse raciocínio sugeria uma divisão da sociedade entre os doentes e os sãos, cabendo como uma decorrência natural aos sadios a responsabilidade pelo destino dos enfermos. Essa concepção paternalista, autoritária e discriminatória teve largo curso, foi brandida para justificar uma pretensa apatia e indisposição para o trabalho, por parte dos grupos populares do país, e para legitimar a sua preterição em favor da vinda do imigrante estrangeiro. Assim, uma questão sócio-econômica relativa à disciplina e à exploração do trabalho aparece resolvida por um diagnóstico médico. [...] <sup>28</sup>.

Durante o seu mandato, o presidente Rodrigues Alves (1902-1906) adotou, como um dos principais itens da plataforma de governo, o saneamento completo e a extinção das epidemias na capital, seu governo aproximava-se da metade e a varíola dominava a cidade. No dia 9 de novembro de 1904 o jornal *A Notícia*, publicou o projeto de regulamentação da vacinação obrigatória que teria sido escrito pelo médico sanitário Oswaldo Cruz, contratado pelo Presidente para erradicar as epidemias que assolavam a capital federal. De acordo com Nicolau Sevcenko, não houve preparação psicológica da população, apenas exigia-se submissão incondicional, além do mais, o decreto era extremamente rígido e estipulava exames e reexames, com a ameaça de multas e demissões para aqueles que não cumprissem a lei, o que originou a fúria das manifestações e embates entre a população e os militares já no dia seguinte. Em meio a feridos, tumultos e destruição, a massa gritava contra o governo, a vacina e a polícia. <sup>29</sup>

Os opositores do governo, que haviam fundado a Liga Contra a Vacinação Obrigatória, em 5 de novembro, sob a presidência de Lauro Sodré, queriam levar a revolta às suas últimas conseqüências e acreditavam poder aglutinar a energia e a insatisfação popular a seu favor, com a finalidade de implantar um golpe de estado e assumir o governo. Os discursos inflamados e exaltadores em prol dos valores positivistas, não foram suficientes para

---

<sup>28</sup> SEVCENKO, op cit., p. 83-84.

<sup>29</sup> SEVCENKO, op cit., p. 17-22.

controlar os rumos da revolta que se alastrava pela cidade de modo incontrolável. “Para os amotinados não se tratava de selecionar líderes ou plataformas, mas [...] de lutar por um mínimo de respeito à sua condição de seres humanos”.<sup>30</sup>

O governo de Rodrigues Alves foi recebido com extrema frieza pela população carioca, pois representava a continuidade da administração anterior do, também paulista, Campos Salles. Para atrair recursos financeiros externos à cafeicultura paulista, o governo precisava apresentar uma economia saudável, administração competente e estabilizada, assim, carente de investimentos e precisando minimizar as despesas, a população passa a sofrer as difíceis conseqüências sociais do governo de Salles: demissões em massa, criação de impostos, aumento do custo de subsistência e, conseqüentemente, fomentação do ódio popular.<sup>31</sup>

De acordo com Sevckenko, reformar o porto, remodelar a cidade e sanear o Rio de Janeiro, foco endêmico de várias moléstias, faziam parte dos objetivos de Rodrigues Alves, na tentativa de dar continuidade ao governo anterior no sentido de atrair capitais, imigrantes, técnicos e equipamentos estrangeiros. Para isto, o Presidente estava disposto a passar por cima de qualquer embaraço ou protesto que surgisse no caminho. Foi dada “carta branca” e “poderes tirânicos” para o então prefeito da capital republicana, o engenheiro Pereira Passos, fazer o planejamento urbano da cidade que ainda tinha características coloniais; e para o médico sanitário Oswaldo Cruz erradicar as doenças que afligiam a população e davam um aspecto insalubre ao Rio de Janeiro. Esse instrumento atribuía plenos poderes para agir sobre a cidade e seus habitantes, lhes permitia interditar, vistoriar, invadir, fiscalizar e demolir casas e construções. De acordo com Sevckenko,

[...] não havia recursos com que reagir: era submeter-se incondicionalmente à vontade dos mandatários. [...] o preço dessa violação, já o sabemos foi muito maior do que os seus responsáveis imaginavam pagar, e muito mais lancinantes do que suas vítimas imaginavam sofrer. [...] a lei de regulamentação da vacina obrigatória, [...], viria a ampliar e fortalecer essas prerrogativas, colocando toda a cidade à mercê dos funcionários e policiais a serviço da Saúde Pública.

---

<sup>30</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 44.

[...] A ameaça deu lugar ao gesto concreto e sensível da opressão. O pesadelo tornou-se realidade. Nada mais natural, portanto, que a população inerme reagisse, transformando a realidade em pesadelo.<sup>32</sup>

A administração Rodrigues Alves visava mostrar ao mundo desenvolvido a imagem de uma nação civilizada, estável, próspera e ordeira. Para isto era necessário controlar toda a massa que representava ameaça as forças do governo. Nas palavras do autor,

[...] as vítimas são fáceis de identificar: toda a multidão de humildes, dos mais variados matizes éticos, que constituem a massa trabalhadora, os desempregados, os subempregados e os aflitos de toda espécie que povoavam a cidade. A ação do governo não se fez somente contra seus alojamentos: suas roupas, seus pertences pessoais, sua família, suas relações vicinais, seu cotidiano, seus hábitos, seus animais, suas formas de subsistência e de sobrevivência, sua cultura, enfim, tudo é atingido pela nova disciplina espacial, física, social, ética e cultural imposta pelo gesto reformador. Gesto oficial, autoritário e inelutável, que se fazia, [...], ao abrigo de leis de exceção e bloqueavam quaisquer direitos ou garantias das pessoas atingidas. Gesto brutal, disciplinador e discriminador, que separava claramente o espaço do privilégio, do espaço da opressão<sup>33</sup>.

O tom emotivo, a dualidade ressaltada entre classe favorecida e classe oprimida, o pensamento social, a crítica às forças segregadoras encarnadas no poder do Estado são abordagens presentes na obra de Nicolau Sevcenko que nos dão fortes indícios de sua percepção sobre o evento histórico. Para o autor, estava sendo imposta uma cidade nova, voltada para a burguesia e construída a custo do sacrifício do povo que era vítima de opressão e humilhação. Todo o luxo e abundância decorrentes das reformas urbanas e sanitárias implantadas exigiram um alto custo econômico, social e humano, como se seus responsáveis estivessem testando os limites de resistência da população.<sup>34</sup> De acordo com o historiador Leonardo Pereira, na análise de Sevcenko,

---

<sup>32</sup> Ibidem, p. 54-55.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 67.

[...] a revolta 'não pretendia vencer, não podia ganhar nada', sendo 'somente um grito, uma convulsão de dor, uma vertigem de horror e indignação'. Vista como resposta dos trabalhadores cariocas a uma situação genérica de exploração à qual eram cotidianamente submetidos, ela é descrita por Sevcenko como uma 'das mais pungentes demonstrações de resistência dos grupos populares do país contra a exploração, a discriminação e o tratamento espúrio a que eram submetidos pela administração pública nessa fase da nossa história.'<sup>35</sup>

As autoridades e as fontes oficiais da época insistiam em pejorar e caracterizar os participantes da revolta como desordeiros, malandros e malfeitores. Sevcenko relata que os entraves entre a população e o governo eram tratados de forma maniqueísta: a exclusão e eliminação dos exaltadores do mal deveriam ser efetuadas em favor dos representantes da ordem. Tratava-se de um segmento da população incômodo e indesejável, que não se enquadrava no estilo de vida cosmopolita implantado pela burguesia. O controle dos corpos - dividindo a sociedade entre os doentes e os sãos - e das áreas de circulação e moradia dos grupos populares do Rio de Janeiro, iam ao encontro dos anseios da nova sociedade de feições burguesas e dos interesses em atrair investimentos e imigrantes para o país.

Nicolau Sevcenko argumenta que o processo de regeneração e metamorfose urbana da capital federal no início do século XX

[...] trouxe consigo fórmulas particularmente drásticas de discriminação, exclusão e controle social, voltadas contra os grupos destituídos da sociedade. E foi na intersecção sufocante dessa malha densa e perversa que a população humilde da cidade viu reduzir-se a sua condição humana e sua capacidade de sobrevivência ao mais baixo nível. A equação dessas injunções, vistas pelo seu ângulo, traduzia-se em opressão, privação, aviltamento e indignidade ilimitadas. Sua reação, portanto, não foi contra a vacina, mas contra a história. Uma história em que o papel que lhes reservaram pareceu-lhes intolerável e que eles lutaram para mudar.<sup>36</sup>

O pesquisador Jaime Benchimol observa que na percepção de Sevcenko, "a Revolta da Vacina foi a manifestação mais explosiva da

---

<sup>35</sup> PEREIRA, op cit., p. 94-95.

<sup>36</sup> SEVCENKO, op cit., p. 88.

resistência de grupos populares cariocas ao processo autoritário de transformação do Rio em capital burguesa e cosmopolita”.<sup>37</sup>

A ênfase nas questões sócio-políticas e a expressiva carga emotiva que o autor reserva para o trato com os grupos populares, mostrando-os como sujeitos vitimizados do processo de aburguesamento da capital, dialogam com a época de produção da obra em análise, com a formação intelectual do historiador e, possivelmente, com sua história de vida. Como a família de Nicolau Sevcenko sofreu com a repressão do governo Russo e seus familiares tornaram-se refugiados políticos, é sensato refletir se o tom emotivo reservado aos grupos populares do movimento em estudo não estão relacionados com a própria trajetória pessoal do autor.

Observamos que por estar situado em um período de transição da historiografia nacional, Sevcenko reúne características “dísparas”. Ao mesmo tempo em que apresenta um objeto de estudo novo e prioriza personagens históricos diferentes, ele mantém uma abordagem pautada nas relações de cunho econômico e político, na qual são travados embates entre as classes dominantes e os “subalternos”.

### **Capítulo 3. As motivações justificadoras da Revolta segundo José Murilo de Carvalho.**

#### **3.1. O autor e seu contexto**

Como vimos, o conhecimento histórico está vinculado ao presente do historiador que é sempre novo. É algo que se constrói e se transforma segundo as determinações e anseios inerentes a cada pesquisador da área, que interpreta a dinâmica das mudanças sociais e da vida dos homens ao longo do tempo, conforme seus interesses, inquietações e formação pessoal.

José Carlos Reis ressalta que a reescrita da História torna-se essencial pelo fato do conhecimento histórico estar em constante

---

<sup>37</sup> BENCHIMOL, J. L. . *Reforma urbana e revolta da vacina na cidade do Rio de Janeiro*. In: Jorge Ferreira; Lucilia de Almeida Neve. (Org.). Brasil republicano. Economia e sociedade, poder e política, cultura e representações. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, v. vol 1, p. 275-276.

transformação: novas fontes, novas técnicas, metodologias, teorias e pontos de vista são responsáveis pela reavaliação contínua do passado. É certo que nenhuma obra substitui as anteriores, cada qual possui sua peculiaridade e validade ao ser inserida no tempo e contexto em que foi produzida e não evita outras que se sucederão. Cabe sublinhar que a historiografia é dominada pela mudança, pelas transformações expressas em diferentes temporalidades, que são responsáveis por selecionar e interpretar de forma diversa os eventos e fatos do passado, seguindo a lógica e as aspirações condizentes ao presente.<sup>38</sup>

Quando nos voltamos para o passado é porque há algum interesse ou problema oferecido pela contemporaneidade que necessita de um sentido, muitas vezes buscado por meio da interpretação direcionada e distanciada do historiador.

Considerando as múltiplas perspectivas que a História abriga, fica nítida a percepção de que em cada etapa do transcorrer do tempo uma determinada visão do passado e projeção do futuro é defendida, desta maneira, podemos identificar que em cada presente as concepções históricas mudam e comportam uma visão diferenciada da ação dos homens no tempo.

Desta forma, vemos que a produção do conhecimento efetuada por Nicolau Sevcenko sobre a temática em foco, apresenta-se condizente com as peculiaridades sócio-temporais deste historiador. Como a historiografia é um conhecimento datado e que segue também as inclinações pessoais daqueles que a produzem, objetivamos, neste capítulo, analisar as percepções distintas que o historiador José Murilo de Carvalho realizou no capítulo *Cidadãos Ativos: A Revolta da Vacina*, de sua obra *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*<sup>39</sup>, publicada em 1987, relacionando a abordagem desse autor com o contexto de produção do livro e as características específicas de sua formação intelectual.

---

<sup>38</sup> REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 8-20.

<sup>39</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. In: \_\_\_\_\_. *Cidadãos Ativos: A Revolta da Vacina*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 91-139.

Como homem impregnado por seu tempo, o historiador sofre diversas influências das conjunturas impostas pelo presente. Nas palavras de José Carlos Reis,

[...] o conhecimento histórico é marcado pela emoção, pela intuição, envolve convicções, juízos de valor, tendências, interesses. Não possui um valor cognitivo estável, necessário e universal. A presença do sujeito e do presente são fortes e incontroláveis para permitir qualquer construção estável. [...] Todo conhecimento histórico é ao mesmo tempo uma tomada de posição, um ponto de vista relativo e quer ser verdadeiro. [...] <sup>40</sup>

A Revolta da Vacina é um exemplo concreto desta historiografia que perpassa o tempo e se modifica, carregando consigo novas expectativas e projeções. Evento histórico que não esgotou os estudos referentes a ele e que em cada período, diante de pesquisadores diferentes, acaba sendo alvo de interpretações diversas.

José Murilo de Carvalho nasceu em Piedade do Rio Grande (MG), em 1939. Gradou-se em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais no ano 1965, realizou mestrado em 1969 e obteve o título de doutor em Ciência Política em 1975, pela Universidade de Stanford, na Califórnia. Na mesma instituição de ensino superior fez seu pós-doutorado na área de História (1976-77) e também pela Universidade de Londres, em 1982.

Carvalho atuou como professor e pesquisador de várias instituições universitárias e foi integrante de diversas associações e revistas acadêmicas de Ciências Políticas e História. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Brasileira de Letras, suas pesquisas abrangem

---

<sup>40</sup> REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 152-153.

principalmente a história do pensamento político e social no Brasil, em especial no século XIX, e os temas com ênfase em cidadania, republicanismos e história intelectual.<sup>41</sup>

De acordo com José M. de Carvalho, seu interesse pela História ocorreu durante a graduação. Sua primeira monografia foi sobre a história política de Barbacena, a segunda, também de natureza histórica, teve como tema os militares e sua tese de doutorado concentrou-se novamente em história política. Sobre o seu ofício como historiador, o estudioso argumenta que:

[...] não há dúvida que minha formação em Ciências Sociais está sempre presente em meus livros. Nenhum deles se encaixaria num tipo de história narrativa, sem falar em descritiva. Há sempre, se não uma hipótese, pelo menos alguns conceitos centrais em torno dos quais se organiza o texto. [...] pago um preço pela mistura, sem dúvida. Alguns colegas de Ciência Política tendem a ver no trabalho insuficiência de discussão teórica. [...] Por outro lado, conhecida historiadora do Rio já afirmou, também em público, que não sou historiador, mas simples ensaísta. [...] Aprendi [...] a não levar muito a sério as fronteiras acadêmicas e ortodoxias disciplinares. [...] Barreiras disciplinares rígidas podem ser obstáculo ao conhecimento, em vez de ajuda. A inovação vem muitas vezes da quebra de cânones. [...]<sup>42</sup>

A obra *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi* (1987) de José Murilo de Carvalho, revela traços característicos da formação do autor. Sua interpretação sobre as causas que impulsionaram a Revolta da Vacina insere-se num contexto mais amplo de motivações políticas, sociais e culturais pelas quais passava a sociedade brasileira no transcorrer da década de 1980 e 1990.

Carvalho relata que em 1978, com sua vinda para o Rio de Janeiro, se defrontou com um mundo cultural e acadêmico mais rico do que em Belo Horizonte, e passou a aprender a escrever para um público mais nacional. Com a sua estada no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, no início da década de 1980, teve contato com historiadores e antropólogos europeus e

---

<sup>41</sup> MORAES, José Geraldo Vinci de & REGO, José Marcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 163.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 169-170.

norte-americanos (a exemplo Clifford Geertz, Robert Darnton, John Elliott e Natalie Davis). Os contatos abriram caminho para novas fontes, novos temas e novas abordagens. Em *Os bestializados*, o objeto de estudo deslocou-se do Estado e do governo para a preocupação com a sociedade e o povo. Outro motivo para a alteração nos procedimentos e foco de estudo foi a redemocratização do país. O fim do período autoritário colocava em cena o problema dos fundamentos do governo democrático e da formação do cidadão.

43

Neste contexto, a “velha” história política, que não dava lugar ao estudo do povo, e a historiografia que privilegiava as dimensões econômicas, demográficas e sociais em detrimento da cultura, começaram a perder espaço no âmbito acadêmico historiográfico.

Sem abandonar o viés político da análise, apesar do *boom* da história cultural, a questão da cidadania, dos direitos e deveres nas relações entre os indivíduos e o Estado e da moralidade do início do século XX, aparecem como elementos fundamentais na análise de José Murilo de Carvalho sobre a Revolta da Vacina. Apesar de escrever em um período muito próximo à publicação da obra de Nicolau Sevcenko, apresentada no capítulo anterior, sua formação como sociólogo contribuiu para que ele apresentasse abordagem e justificção distintas sobre esse evento histórico.

### **3.2. O autor e sua obra**

Além da historiografia precedente; breves relatórios policiais, censos, jornais e revistas do início do século XX foram as fontes de pesquisa de José Murilo de Carvalho em *Cidadãos Ativos: A Revolta da Vacina*<sup>44</sup>. Neste capítulo, o autor mostra que a cidade do Rio de Janeiro passava por variadas transformações de caráter econômico, social, político e de efervescência ideológica, chegadas da Europa. O rápido crescimento da cidade, principalmente por causa da abolição da escravatura e da imigração, alterou a

---

<sup>43</sup> MORAES & REGO, op cit., p. 176.

<sup>44</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. In: \_\_\_\_\_. *Cidadãos Ativos: A Revolta da Vacina*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 91-139.

demografia; a população quase dobrou, e este inchaço afetou diretamente a composição étnica e a estrutura ocupacional.

Notório também, foi o acúmulo de pessoas mal remuneradas ou sem ocupação fixa, além do agravamento do problema de habitação, os problemas de abastecimento de água, saneamento e higiene resultaram num surto de epidemias de varíola, malária, tuberculose e febre amarela, que motivaram a pressão sobre a administração pública.

Assumindo a presidência em novembro de 1902, o paulista Rodrigues Alves objetivava fazer do Rio de Janeiro uma cidade atraente para imigrantes, mercadorias e investimentos externos. No plano urbanístico, Pereira Passos, recebeu autonomia para iniciar uma grande reforma, abrindo avenidas, destruindo casarões e redesenhando a cidade. Levas de trabalhadores da região central, que habitavam cortiços e casas de cômodos, foram expulsos para zonas periféricas. As condições sanitárias, melhorias na saúde e controle das epidemias ficaram sob a responsabilidade do médico Oswaldo Cruz, que assumiu o cargo de diretor-geral de Saúde Pública, em 1903.

A maneira mais eficaz de erradicar os surtos epidêmicos da varíola, era a vacinação. Apesar deste não ser um procedimento novo na história do Brasil, pois a vacina de Jenner fora introduzida no país em 1801, foi no ano de 1904 que a ação do governo mostrou-se mais rígida e a população respondeu de maneira violenta, levando a revolta às ruas da capital.

Conforme destaca José Murilo de Carvalho, o atestado de vacinação era exigido para tudo: emprego doméstico, emprego nas fábricas, emprego público, viagem, voto, casamento, matrícula em escolas, hospedagem em hotéis e casas de cômodos, etc. Multas eram previstas para aqueles que não cumprissem os termos da lei.<sup>45</sup>

A lei da obrigatoriedade da vacinação contra a varíola já havia sido aprovada em 31 de outubro de 1904, porém, precisava ser regulamentada para ter validade. Antes mesmo do projeto de regulamentação ter aparecido na imprensa (fato que ocorreu em 9 de novembro do mesmo ano), os opositores do governo, reunidos na Liga contra a Vacina Obrigatória, aproveitaram a

---

<sup>45</sup> CARVALHO, op cit., p. 99.

oportunidade para atrair apoio popular, seja como tentativa de legitimar o golpe previsto, seja para criar situações psicológicas a fim de convencer os indecisos da própria elite, civil ou militar. Em seu discurso durante a reunião que fundou a Liga em 5 de novembro e atraiu cerca de duas mil pessoas, segundo o jornal *Correio da Manhã*, Lauro Sodré acusou o governo de corrupto e fora-da-lei e depois Vicente de Souza

[...] Pintou a situação em que ficaria a família proletária com a nova lei. Ao voltar do trabalho, disse, o chefe fica 'sem poder afirmar que a honra de sua família esteja ilesa, por haver aí penetrado desconhecido amparado pela proclamação da lei da violação do lar e da brutalização aos corpos de suas filhas e de sua esposa'. 'A messalina', prosseguiu, 'entrega-se a quem quer, mas a virgem, a esposa e a filha terão que desnudar braços e colos para os agentes da vacina'. Não apelava para a Constituição por já estar poluída e esfarrapada. Contra a violência, apelava para a legítima defesa 'e essa se faz com as armas na mão'.<sup>46</sup>

Carvalho descreve os acontecimentos relacionados à Revolta de um modo bastante semelhante àquele efetuado na obra anterior, de Nicolau Sevcenko, o autor também concorda com a visão de que, com a exceção dos participantes e simpatizantes, o povo em geral era visto como ignorante e manipulado por políticos e militares ambiciosos, ou então, composto por levadas de desordeiros e rebeldes que não apresentavam nenhuma racionalidade plausível para justificar a insurreição.

A formação sociológica de José Murilo de Carvalho leva-o a analisar as motivações da Revolta da Vacina através do universo de valores de grande parte da população do Rio, de sua visão sobre o papel do governo e dos direitos do cidadão brasileiro. Apesar das contribuições de Sevcenko, o autor destaca sobre os estudos deste que

Uma das explicações afirma que a vacina foi apenas pretexto. A revolta de 1904 teria sido de natureza essencialmente econômica. Suas 'verdadeiras' origens estariam na indiferença do governo em relação aos sofrimentos da população. A tese nos parece duvidosa. É verdade que o governo Campos Sales deixara o país em crise geral. Mas, [...], o novo governo iniciara a retomada do crescimento. Além da queda dos preços, que

---

<sup>46</sup> Ibidem, p. 100-101.

começou em 1898, os grandes programas de obras públicas e de saneamento, concentrados no Rio de Janeiro, tinham aumentado em muito a oferta de empregos. [...]. Sendo empregos que na maior parte não exigiam mão-de-obra qualificada, o grosso da população deve ter sido beneficiado. Não seria também fora de propósito supor que a reativação industrial iniciada em 1903 tivesse igualmente resultado em absorção de mão-de-obra. No comportamento dos revoltosos a única indicação de possível motivação econômica estaria nos ataques a fábricas. Poderiam estar aí agindo os operários que não tinham conseguido acordos na greve de 1903.<sup>47</sup>

Para Carvalho, o motivo da eclosão e gravidade da Revolta encontra-se na justificação moral, característica que estaria no centro do protesto. O que atingiu de forma mais impactante a população, na interpretação deste estudioso, teria sido o tom moralista dado à campanha da oposição, já visível no discurso de Vicente de Souza, no dia 5 de novembro. Nas palavras de Carvalho,

[...] Buscou-se então explorar a idéia da invasão do lar e da ofensa à honra do chefe de família ausente, ao se obrigarem suas filhas e mulher a se desnudarem perante estranhos. A expressão 'messalina' usada por Vicente de Souza na reunião do Centro deve ter tido efeito devastador. Mais ainda, a propaganda enveredou por uma autêntica escalada erótico-anatômica à brasileira. A vacina era aplicada nos braços com a ajuda de uma lanceta. Barbosa Lima começou a enfatizar a possibilidade da aplicação da vacina na coxa. Os oradores de comício e incitadores da revolta foram mais longe. Segundo depoimento a *O Paiz*, os líderes da revolta espalhavam agentes pelos centros populares com o fim de salientarem os perigos da vacina e dizerem que seria aplicada nas coxas das mulheres e filhas, junto à virilha. [...].

Exemplo da eficácia de tais argumentos é fornecido por Barata Ribeiro no Senado. Encontrara, como médico, um velho que não admitia de modo algum que o governo pegasse no braço de sua filha 'para maculá-lo'. A charge reproduzida no caderno de fotos mostra como chegou à população analfabeta a versão moralista da campanha positivista. [...].<sup>48</sup>

José Murilo de Carvalho argumenta que a Revolta da Vacina permanece como singular exemplo na história do país de movimento popular de êxito cuja fundamentação estava baseada na defesa dos *direitos do cidadão*, a fim de não serem tratados pelo governo de forma arbitrária. Para os

---

<sup>47</sup> Ibidem, p. 129.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 131-132.

membros da elite e alguns setores da classe operária, a justificativa pautava-se em valores de princípios liberais, visavam um governo não-intervencionista e o direito à liberdade individual. Para o povo, os valores afetados pela interferência autoritária do Estado, eram a inviolabilidade do lar, a honra do chefe de família e o respeito pela virtude das filhas e da esposa. Ambos os valores, o moderno e o tradicional, convergiam na oposição à interferência do governo além dos limites aceitáveis. Ao decretar a obrigatoriedade da vacina da maneira como o fizera, a ação repressiva do governo violava o domínio da liberdade individual e da honra pessoal e ameaçava interferir em quase todas as circunstâncias da vida. Desta forma, o inimigo não era a vacina em si, mas as forças arbitrárias do Estado, nada mais natural que se sentissem ameaçados os que menos recursos tinham para defender-se. Ao violar um direito que a própria República deveria resguardar, o governo tornava justificável o apelo à força. Vista nestes termos, a reação à obrigatoriedade explicaria a revolta.<sup>49</sup>

Leonardo Affonso de Miranda Pereira ressalta a ênfase de José Murilo de Carvalho na questão moral como alicerce de desconforto e agitação popular em torno da vacina contra a varíola. Na análise de Pereira, ao comentar sobre a produção de Carvalho, ele observa que

[...] a influência sobre os trabalhadores do 'tom moralista' dado à campanha contra a vacina por alguns supostos líderes explicaria em grande medida a intensidade da reação popular. Além da irritação generalizada com 'a atuação do governo na área da saúde pública' e do 'medo desenvolvido em relação à vacina propriamente dita', a revolta entre os trabalhadores assumia para ele [Carvalho] um caráter crescentemente moralista – marcado pela recusa de que agentes públicos pudessem intervir diretamente no corpo de suas mulheres e filhas. A reação dos grupos iletrados contra o projeto de Oswaldo Cruz teria, assim, como uma de suas causas principais a defesa de valores como 'o respeito pela virtude da mulher e da esposa, a honra do chefe de família, a inviolabilidade do lar'.<sup>50</sup>

Jaime Benchimol, historiador que possui produção nas áreas de História das Ciências, História da Medicina e Saúde Pública, compartilha da

---

<sup>49</sup> Ibidem, p. 136-139.

<sup>50</sup> PEREIRA, op cit., p. 98.

idéia de que Carvalho atribui grande importância à campanha de caráter moralista contra a invasão dos lares pelos funcionários do governo, incitando os pais de família a defenderem a honra da esposa e filhas, que seriam obrigadas a expor braços e coxas à lanceta dos vacinadores, em uma época aonde o pudor do corpo era algo de significativo valor moral.<sup>51</sup>

Através da leitura e análise de *Cidadãos Ativos: A Revolta da Vacina* de José Murilo de Carvalho, notamos que, além das influências exercidas pelo contexto social, político, cultural e acadêmico, relacionadas com o processo de redemocratização do país e abertura política, a formação intelectual do autor na área de Ciências Sociais muito contribuiu para sua interpretação sobre as motivações justificadores da Revolta.

Sabe-se que o historiador é um selecionador, que interpreta os fatos de acordo com suas convicções pessoais e segundo os indícios deixados pelas pistas. Tal perspectiva pode ser avaliada a partir do estudo comparativo das obras nas quais Nicolau Sevcenko e José Murilo de Carvalho trabalham com a mesma temática. Escrevendo em um período temporal próximo, mas com questionamentos e experiências acadêmicas distintas, os pesquisadores apresentam enfoques e forças de impulso para a ação dos revoltosos complementares, porém, diferentes.

#### **Capítulo 4. Sidney Chalhoub e a cultura afro-brasileira no contexto da *vacinophobia*.**

##### **4.1. O autor e seu contexto**

Já em 1961, Edward Hallet Carr escrevia que “a história tem sido vista como um enorme quebra-cabeças com muitas partes faltando”<sup>52</sup>. Para ele nenhum documento pode nos dizer além do que o autor que o redigiu pensava. Sendo assim, a história abriga lacunas e está permeada por interpretações diversas, pois os fatos são sempre afetados pela mente do historiador que os analisou.

---

<sup>51</sup> BENCHIMOL, op cit., p. 276.

<sup>52</sup> CARR, Edward Hallet. *Que é história?* 8ª ed. Trad. Lúcia Maurício de Alverga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 49.

De tal forma, dialogando com as considerações feitas nos capítulos anteriores, a reescrita da história mostra-se necessária na medida em que os sentidos dos acontecimentos não se revelam de uma só vez. As ações, representações, discursos e o condicionamento social e pessoal do presente influenciam na percepção construída acerca dos eventos do passado, tornando instável e discutível o conhecimento histórico defendido por cada historiador.

A Revolta da Vacina, vista sobre o prisma de pesquisadores distintos, apresenta-se com abordagens que refletem as mudanças no âmbito da historiografia nacional após a década de 1980.

Nas últimas décadas, as temáticas relacionadas à construção e consolidação de saberes e práticas da medicina social vêm atraindo um espaço cada vez mais relevante no campo da história. A cultura popular também é uma questão de estudo que, sobretudo a partir da década de 1990, ganhou grande impulso e conquistou um significativo interesse dos historiadores brasileiros.

Sidney Chalhoub, autor do estudo em análise nesse capítulo, nasceu em 1957 no Rio de Janeiro, e é reconhecido por seus estudos com ênfase na História do Brasil, sobretudo nas temáticas que envolvem cotidiano, trabalho, escravidão e literatura. Graduou-se em História pela Lawrence University em 1979, recebeu o título de mestre em História pela Universidade Federal Fluminense no ano 1984 e realizou seu doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas, em 1989, sendo atualmente professor titular desta instituição.

Sua tese de livre-docência, defendida em 1995, no Departamento de História da UNICAMP, foi publicada pela Companhia das Letras com o título de *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*, em 1996. Nesta obra o autor analisa as políticas de saúde pública e os embates entre saberes e práticas em torno da medicina, com bases científicas, e a “medicina popular”. Perpassando os cortiços, epidemias, serviço de vacinação e a cultura *vacinophobica*, que foram aspectos marcantes na trajetória da cidade do Rio de Janeiro no século XIX e início do século XX, Chalhoub privilegia um enfoque vinculado a uma “história social da cultura”.

As fontes de pesquisa utilizadas em sua investigação são constituídas fundamentalmente pela documentação manuscrita sobre as habitações coletivas e pelos papéis da Junta Central de Higiene, existentes no

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, bem como pela correspondência entre a mencionada Junta e o Ministério do Império, depositada no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

A tipologia das fontes vinculadas às questões formuladas pelo historiador ao construir sua abordagem sobre a saúde pública e o universo cultural e religioso da população menos favorecida da cidade do Rio de Janeiro entre o século XIX e o início do século XX resultou em uma pesquisa inédita que recebeu o prêmio *Jabuti de ensaio*, em 1997, um dos mais tradicionais e importantes prêmios do livro no Brasil.

No capítulo três da obra mencionada, intitulado *Varíola, Vacina e “Vacinophobia”*, Chalhoub apresenta uma importante contribuição para a historiografia sobre a Revolta da Vacina, na medida em que reconstitui a trajetória do serviço de vacinação, criado na Corte em 1804, e trabalha com as tradições sócio-culturais dos segmentos populares e sua desconfiança em relação à medicina oficial, abrindo novas perspectivas de compreensão para o movimento. O autor analisa as origens e evolução da denominada *vacinophobia* relacionada às mazelas enfrentadas pelo serviço público de vacinação no Brasil e à tradição presente nas concepções afro-brasileiras sobre doença e cura.

Logo nas páginas iniciais do referido capítulo, o historiador aponta e discute os estudos precedentes sobre a Revolta, realizando considerações sobre as abordagens e obras anteriores. No que se refere à Sevcenko (1983), Sidney Chalhoub argumenta que

Nicolau Sevcenko escreveu um pequeno livro cheio de dramaticidade sobre os protestos de 1904. [...] A descrição das possíveis motivações dos manifestantes se baliza na negação: eram *contra* o processo de aburguesamento e seus agentes – encarnados nas figuras de políticos, higienistas, empresários, forças de repressão [...].

Tudo isso é rigorosamente correto e a análise de Sevcenko jamais banaliza a intensidade do sofrimento e da repressão desencadeada por tal processo histórico entre a população pobre da cidade [...]. O problema, contudo, é que a virtude do texto de Sevcenko acaba sendo também o seu limite. Devido à ausência de uma pesquisa documental mais sistemática, na narrativa deste autor os populares sempre reagem – ‘resistem’ - , nunca *agem*, isto é, nunca se sabe exatamente que tipo de experiência histórica, de formas de entender o mundo e a sua situação de vida poderiam informar positivamente o movimento

de luta contra a vacinação. Além disso, há aqui uma visão monolítica e generalizante, tanto deste universo popular quanto daquele projeto mais geral de aburguesamento da sociedade carioca. De qualquer forma, Sevcenko pretendeu escrever apenas uma introdução à revolta, e a narrativa dos acontecimentos, [...], atinge plenamente o objetivo proposto.<sup>53</sup>

Chalhoub, antes de apresentar as considerações de sua pesquisa sobre os acontecimentos, percorre a historiografia já produzida que retrata o mesmo tema e analisa as contribuições e lacunas deixadas por estas. Neste sentido, o autor relata que diferentemente de Sevcenko, José Murilo de Carvalho (1987),

[...] procura especificar os motivos que teriam levado aos protestos, enfatizando menos o sentido mais geral de resistência ao processo de aburguesamento salientado por Sevcenko. Assim, havia setores sociais, interesses e insatisfações várias que se teriam articulado de forma complexa e contraditória nos eventos que conduziram à revolta. [...] o autor [Carvalho] identifica aquilo que seria o tema comum aos diversos grupos e setores sociais envolvidos nos distúrbios: haveria uma 'justificativa moral' para a revolta. [...] Até aqui, os estudiosos da revolta [...] chegam à conclusão de que a vacina foi um simples pretexto para uma revolta que tinha motivos outros e mais relevantes [...]. Para Sevcenko a revolta 'não foi contra a vacina, mas contra a história'; para Carvalho, 'o inimigo não era a vacina em si mas o governo, em particular as forças de repressão do governo' [...] <sup>54</sup>

Diante de tais apontamentos, cabe salientar a afirmação de José Carlos Reis de que "as idéias passadas influenciam sobre as presentes -, a originalidade não é pura".<sup>55</sup> Ao incluir as análises anteriores, mesmo que de forma divergente e negando os preceitos estabelecidos por estas, as interpretações posteriores tornam-se mais ricas, amplas e abrangentes. Reis argumenta que por não existir conhecimento e verdade absoluta no campo da História, o passado só adquire sentido a partir dos questionamentos colocados pelo indivíduo que reflete sobre ele. Considerando as múltiplas

---

<sup>53</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p 98-99.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 99-101.

<sup>55</sup> REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 15.

perspectivas que a História abriga, fica nítida a percepção de que em cada etapa do transcorrer do tempo uma determinada visão do passado e projeção do futuro é defendida, desta maneira podemos identificar que em cada presente as concepções históricas mudam e comportam uma visão parcial da ação dos homens no tempo ou no passado.

A análise que Sidney Chalhoub faz sobre as referências historiográficas a respeito da Revolta da Vacina antecedentes a sua obra e sua interpretação relacionada à cultura religiosa afro-brasileira no tocante as causas do movimento contra a vacina obrigatória, exprimem a intensidade da pesquisa que o autor realizou para a sua produção acadêmica e sua percepção pessoal sobre o evento em menção.

Escrevendo em meados da década de 1990, Chalhoub vivenciava um momento posterior ao impacto inicial causado pela renovação historiográfica brasileira. As bases introdutórias para o estudo da Revolta da Vacina já haviam sido alicerçadas e as pesquisas com ênfase marxista-estruturalista (características das obras históricas anteriores ao *boom* intelectual de 1980), mostravam-se tendência minoritária. Neste período, e até a contemporaneidade, os estudos voltados para a compreensão das tradições da cultura popular e as interpretações culturais da experiência histórica - com sua diversidade de objetos, práticas e processos -, adquiriram grande interesse por parte dos historiadores.

Novamente a Revolta contra a vacinação obrigatória é vista sob uma ótica distinta, uma visão que dialoga com a temporalidade e a formação histórica em que o estudo em foco estava inserido. Obras novas surgem sobre um mesmo assunto, porque questionamentos novos são lançados à luz da vivência social e pessoal de historiadores que lidam com experiências intelectuais divergentes. Ademais, sabe-se que para além das fontes de pesquisa e do estudo de teorias e metodologias referentes ao conhecimento histórico, “ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo

de conhecimento entram em jogo [...] elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição.”<sup>56</sup>

## 4.2. O autor e sua obra

Após traçar um panorama relativo à historiografia produzida sobre a Revolta da Vacina e a trajetória do serviço de vacinação no Brasil, Sidney Chalhoub inicia uma análise sobre as origens e a evolução do que classifica como *vacinophobia*, ou seja, o temor que as “classes perigosas”<sup>57</sup> sentiam em relação a vacina antivariólica, observado já no contexto do Rio de Janeiro do século XIX.

Em torno da primeira metade do século XIX, influentes opositores portugueses do método de vacinação jenneriano<sup>58</sup>, disseminavam idéias responsáveis por causar medo e desconfiança entre a população carioca. Dr. Heleodoro se opunha à descoberta de Jenner sustentando que era prejudicial ao homem, uma vez que a inoculação desenvolveria as moléstias

---

<sup>56</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das letras, 2007, p. 179.

<sup>57</sup> Segundo o autor, de acordo com o imaginário político do século XIX, “as classes perigosas” (diretamente vinculada à população pobre) continuariam a se reproduzir enquanto as crianças permanecessem expostas aos vícios dos pais. Os hábitos dos moradores pobres eram considerados nocivos, pois habitavam moradias coletivas com condições de higiene precárias, que seriam responsáveis pela propagação de epidemias e, também, o ambiente seria um terreno fértil para a propagação de todos os tipos de vícios. Assim, era necessário reprimir os vícios dos adultos, para garantir a educação das crianças.

<sup>58</sup> Jenner descobrira a vacina ao estudar a medicina popular de camponeses ingleses a partir da década de 1770. Tais camponeses diziam que pessoas que ordenhavam vacas não contraíam a varíola. O médico investigou a crença popular e conseguiu comprovar que os camponeses desenvolviam, em geral nas mãos, uma moléstia comum nos úberes dos quadrúpedes. A doença do gado - a *vacina* - conferia imunidade contra a varíola. A origem da profilaxia causou polêmica desde o início. Como admitir a transmissão voluntária, para os humanos, de uma enfermidade comum em vacas? Os humoristas do período desenhavam vacinados que desenvolviam chifres, rabos, úberes, etc. Para minorar o problema, as autoridades públicas adotaram a vacina humanizada, transmitida braço a braço. Ou seja, depois da obtenção original do pus vacínico num animal contaminado, o material (*cowpox*) era aplicado no braço de pessoas; após alguns dias, o líquido da ferida provocada pela vacina era extraído do braço delas e passado adiante. O serviço dependia de os vacinados retornarem ao posto para a extração do líquido da ferida inflamada. Raramente voltavam, e o governo mandava a polícia atrás dos portadores do pus.

das vacas e, depois de vacinado, o indivíduo ficaria sempre exposto a contrair bexigas naturais. O clero português também excitava o povo contra esta prática, defendendo que este era um “presente de Satã” que queria por meio desta maneira introduzir-se no corpo dos vacinados para apoderar-se de suas almas.

Para Chalhoub, a força destas argumentações, ao serem difundidas entre a população carioca, podem ter causado grande espanto e repulsa, visto que além destes inconvenientes, a vacina, aplicada de braço a braço, estava se tornando um método eficaz de propagação de outras doenças, especialmente a sífilis. A degeneração da pústula vacínica, assim como a não garantia de imunização permanente, possibilitavam a ocorrência de varíola em indivíduos já vacinados e a ameaça de ter os vacinadores e as autoridades policiais em seu encalço para a verificação e extração do líquido da pústula a ser inoculada no paciente seguinte, se tornavam outros incômodos que dificultavam a adesão e difusão da vacina antivariólica. Além disto,

[...] Os próprios médicos estavam, naquele momento, longe de poder estabelecer um acordo a respeito de sua ciência. Ainda distante da constituição de um saber articulado e consensual, a medicina nada tinha então de homogênea. [...] muitas eram as divergências que separavam os doutores da capital republicana no que dizia respeito aos métodos de prevenção e cura das doenças.<sup>59</sup>

Tais desacordos colocavam em dúvida a validade da vacina como método de combate à varíola e a medicina mostrava-se um campo aberto para contestações e debates, distante da imagem de infalibilidade e verdade a que tentava se associar. Em relatório do Instituto Vacínico de 1855, há a constatação de que a população do interior da Província não se deixava vacinar e sentia por tal prática verdadeiro horror e repugnância, crendo em geral que “a vacina é a própria varíola”. Moradores da região alegavam ser ilegítima a intervenção do médico no tratamento desta doença e, em muitos casos, recorriam à *variolização*<sup>60</sup> e ao trabalho de curandeiros, comuns tanto

---

<sup>59</sup> BENCHIMOL, op cit., p. 22.

<sup>60</sup> Método preventivo, anterior à vacina, que consistia na inoculação de material retirado das pústulas de um enfermo na pele de um indivíduo são. Este adquiria a enfermidade em forma mais branda do que através do contágio natural, a fim de evitar

na Corte quanto no interior do país ao longo do século XIX, para lidar com a prevenção e cura da moléstia. Nas palavras de Chalhoub,

[...] é difícil prosseguir na investigação das atitudes da população da Corte em relação à vacina sem enfrentar em certa medida o problema das concepções afro-brasileiras sobre doença e cura. Talvez então seja possível articular de alguma maneira as informações de que havia doentes que resistiam aos médicos e aceitavam os curandeiros, de que 'a vacina era a varíola', de que não se deveria interferir na marcha natural dessa enfermidade, de que era comum a prática da inoculação do pus variólico, e assim por diante. [...] <sup>61</sup>

Em um contexto em que a maioria da população do Rio era composta por africanos e, principalmente, por afro-descendentes, a miscigenação cultural era inevitável. Sidney Chalhoub demonstra que os negros, mas não só eles, no Brasil do século XIX, acreditavam que a doença era provocada por forças sobrenaturais, sendo a cura possível apenas por meio de procedimentos ritualísticos. A tradição cultural e religiosa afro-brasileira trazia consigo o culto a Omolu, o orixá da varíola, que tinha poder para enviar o flagelo à população e também proteger ou curar seus devotos das calamidades epidêmicas. Com base nos estudos de Chalhoub, o historiador Leonardo Pereira argumenta que

Junto com o apego à religião [...] parecia comum entre tais afro-descendentes uma grande capacidade de adaptação e mudança de suas crenças e absorção de novas influências, que permitiam que sua religiosidade estivesse em constante transformação. [...] A convivência entre diferentes grupos no contexto da escravidão acabou, assim, por gerar uma transformação das tradições religiosas de origem africana. Às crenças trazidas pelos negros escravizados da África Central somavam-se tanto a elementos do catolicismo, imposto pelos senhores, como o culto aos orixás presente na África Ocidental, incorporado pelo contato com os muitos escravos do Nordeste que migraram ou foram levados à capital federal [...]. Desse processo resultava a conformação das religiões afro-brasileiras, que desde as últimas décadas do Império adquiriam uma importância central para a vida social do Rio de Janeiro. <sup>62</sup>

---

a varíola grave. No Brasil do século XIX a variolização continuou a ser praticada clandestinamente após a sua proibição e substituição oficial pelo método jenneriano.

<sup>61</sup> CHALHOUB, op. cit., p. 134.

<sup>62</sup> PEREIRA, op. cit., p. 28.

Inicialmente restritas aos grupos negros, tais crenças e a “religião dos orixás” mostraram-se capazes de atrair o interesse de trabalhadores de várias nacionalidades e dos mais diversos indivíduos. Os jornais do início do século XX, como a *Gazeta de Notícias*, informavam a presença significativa de homens brancos e imigrantes nos cultos de origem africana. Negando à medicina científica o monopólio da cura, na qual não pareciam ter razões para confiar, os trabalhadores buscavam outros princípios que tinham uma lógica pautada na vivência de experiências próprias, tratadas há muitas décadas pelas religiões afro-descendentes.

De acordo com Sidney Chalhoub, desde o século XVIII havia indícios da prática de variolização em várias regiões da África, especialmente naquelas de onde foram trazidos escravos à Bahia, que migraram em massa para o Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Por acreditarem que as pestilências tinham sempre um caráter sobrenatural, os africanos e seus descendentes viam na ritualização o único modo de garantir a cura da varíola. Tal prática estava fundamentada na idéia de controle dual – que atribuía a uma mesma entidade o poder de provocar a doença e suprimi-la. Assim, segundo o autor,

[...] seguindo a lógica do culto a Omolu, cabia a seus sacerdotes, mediante procedimentos apropriados – e que provavelmente incluíam a variolização e outros rituais de purificação -, aplacar a vingança de Omolu e obter dele proteção contra a peste reinante. Sabemos talvez agora a fonte do ‘horror’ que os médicos e suas vacinas inspiravam aos populares, ao menos àqueles dentre eles que adoravam Omolu e temiam provocar a sua ira: obstaculizar a ação dessa divindade era provocar mais devastação e morte [...].<sup>63</sup>

Objeto de desconfianças diversas e centro das lutas sociais em torno da interpretação dos mecanismos de prevenção e cura, a vacina no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX, mostrou-se um tema capaz de suscitar controvérsias e questionamentos. Momento de conflitos entre a medicina oficial e os saberes populares, em 1904 o serviço de vacinação conseguia seu melhor resultado, a vacinação em domicílio atingia patamares

---

<sup>63</sup> CHALHOUB, op. cit., p. 151.

elevados e não é difícil pensar que ela contribuiu em muito para a exaltação dos ânimos. Cercadas no interior de suas próprias comunidades e residências, Chalhoub defende que nos meses anteriores a novembro de 1904 é possível que a população estivesse vivendo uma espécie de lei não-declarada de vacinação obrigatória, o que não agradou em nada os *vacinophobos*.

As epidemias de varíola e a pouca difusão da vacina no país representavam um atraso ao progresso e à civilização almejada. Era necessário erradicar o vexame, no entanto, muitos participantes da revolta lutavam pela defesa de suas próprias crenças, práticas religiosas e pela inviolabilidade de suas tradições, não somente contra a obrigatoriedade da vacina.

Sidney Chalhoub questiona a hipótese de José M. de Carvalho, pois a afirmação do conteúdo moral presente na luta contra a vacina não bastaria para explicar suas motivações. A justificativa baseada na moralidade, segundo Chalhoub, não poderia ser estendida a toda população já que seus valores morais diferiam, faz-se necessário entender o que as “classes perigosas” pensavam neste contexto e entender as influências da cultura de origem africana e suas respectivas práticas religiosas. Nas palavras do autor,

[...] há uma explicação possível para o fato de a principal revolta coletiva contra o ‘despotismo sanitário’ haver ocorrido em função da atuação do poder público em relação à varíola: além dos descaminhos técnicos e burocráticos do serviço de vacinação em todo um século de história, havia as sólidas raízes culturais negras da tradição vacinophobica. A luta entre as diferentes medicinas em torno da varíola e da vacina era lugar particularmente sensível neste processo de expropriação e violência inerentes à ‘capitalização, aburguesamento e cosmopolitização’ – nas palavras de Nicolau Sevcenko – da sociedade carioca do período.<sup>64</sup>

A classe dominante abominava uma série de sobrevivências culturais muitas delas de raízes negras, que precisavam ser eliminadas em prol do progresso e da civilização em moldes europeus. Havia hábitos condenáveis nas formas de se vestir, de trabalhar, de morar, de se divertir e de curar. Dessa forma, para a maioria da população, os embates travados em torno da vacina

---

<sup>64</sup> CHALHOUB, op. cit., p. 180.

representavam também uma luta em defesa dos direitos e da livre manifestação de suas crenças. Assim, para Benchimol,

[...] Ao analisar as vacinações de uma perspectiva de mais longa duração, Chalhoub recupera uma dimensão da revolta que permaneceu inteiramente oculta tanto nos relatos de época como nas fontes historiográficas mais conhecidas: a tradição negra de combate à varíola pela prática ancestral das variolizações. [...] <sup>65</sup>

Com um enfoque vinculado à história cultural - cujos referenciais teóricos de maior expressão remetem às dimensões sociais e culturais defendidas pelo historiador inglês Edward Palmer Thompson e às reflexões produzidas pelo antropólogo norte-americano Sidney Mintz -, Chalhoub desenvolve uma análise buscando articular as concepções anteriores sobre a Revolta da Vacina com sua hipótese norteadora para a eclosão do movimento *vacinophobico*.

História e Antropologia Cultural aparecem como elementos importantes para a construção da abordagem historiográfica de Sidney Chalhoub, tal relação mostra-se uma característica inovadora no âmbito da temática em estudo, que difere sua obra das antecedentes.

---

<sup>65</sup> BENCHIMOL, op. cit., p. 276.

## CONCLUSÃO

Ao contrário do que postulavam as explicações gerais para a Revolta no início do século XX, o que podemos observar em meio às ruas, embates e barricadas formadas, é a ação de diferentes grupos sociais, étnicos e profissionais, retratada de diferentes maneiras nas obras dos autores analisadas neste estudo.

Devido à diversidade dos sujeitos que participaram da Revolta da Vacina, as tentativas de compreender as forças que motivaram o movimento tornam-se pouco úteis se atribuirmos a ela um sentido generalizante.

Evidentemente havia um descontentamento comum entre aqueles que se posicionavam contra a vacinação antivariólica obrigatória, porém, na medida em que existiam rostos diferentes participando deste movimento, também podemos encontrar interesses contrastantes.

Não há explicação única sobre determinado evento histórico porque as sociedades são plurais. Não podemos classificar um tempo histórico como homogêneo pelo fato das sociedades serem heterogêneas. Com base nesta característica dinâmica que permeia a interpretação dos fatos, torna-se nítida a percepção de que os acontecimentos podem ser analisados de acordo com óticas distintas, que nem sempre se assemelham ou equivalem.

Além da diversidade dos agentes que estavam envolvidos nos protestos de 1904, descontentes com o projeto do governo, outro fator que muito contribui para a pluralidade de enfoques sobre o tema se refere às influências conjunturais impostas pelo presente do historiador.

Cada obra produzida pertence a um contexto específico do qual não pode ser desvinculada. A época e sociedade em que o autor escreve propiciam vários indícios que revelam características importantes para o entendimento de seu texto e da sua correspondente percepção do evento.

De acordo com a análise dos dados apresentados no presente trabalho, notamos que, entre 1983 e 1996, o motivo de três estudiosos terem eleito causas diferentes para a eclosão da Revolta e levantado questionamentos distintos para nortear suas pesquisas, encontra-se

diretamente interligado com o contexto peculiar em que a sociedade brasileira e o campo da pesquisa histórica estavam inseridos.

Em 1983, Nicolau Sevcenko apontou a nova estrutura de poder de feições autoritárias, o processo de aburguesamento da capital federal e o forte desejo da elite e dos representantes políticos de eliminar do mapa os resquícios coloniais, como foco primordial de análise em sua abordagem. Segundo este autor, elementos sociais, econômicos e políticos estariam conectados com as causas da propulsão do movimento popular em estudo.

Sevcenko desconstruiu a imagem irracional que havia sido criada sobre a Revolta da Vacina e demonstrou que o acontecimento não estava desvinculado da situação da capital e nem foi sinônimo de loucura ou ignorância da população carioca.

Posteriormente, em 1987, José Murilo de Carvalho coloca em cena a grande adesão popular ao movimento, a questão da moralidade e a ação dos cidadãos frente ao abuso cometido pelas autoridades governamentais. O autor não nega ou contradiz as posições apresentadas anteriormente por Sevcenko, amplia a idéia deste estudioso e insere um debate relativo à questão moral em sua obra, que passa a ser privilegiado como elemento gerador de grande desconforto e catalisador de forças populares em prol da “defesa da honra e da família”.

No ano 1996 a historiografia brasileira é contemplada com a publicação de uma obra de Sidney Chalhoub que reserva espaço para o estudo da Revolta. No trabalho em menção, o autor questiona a hipótese de Carvalho, pois no seu entender a justificativa baseada na moralidade não poderia ser estendida a toda população pobre do Rio de Janeiro no período. De tal forma, Chalhoub direciona suas pesquisas no intuito de tentar compreender as tradições e o pensamento sócio-cultural das denominadas “classes perigosas”. O estudioso definiu como necessário a análise da cultura afro-brasileira e de suas respectivas práticas religiosas, que se estenderam a outros segmentos populares, para a compreensão do movimento.

Relacionando o contexto de produção a cada obra selecionada como fonte de estudo, percebemos que o motivo de termos publicações com enfoques distintos em um período de tempo cronologicamente próximo, se

deve ao momento específico pelo qual transitava a política, sociedade e produção intelectual brasileira.

A década de 1980 no Brasil foi marcada pelo processo de abertura política e redemocratização. Com a restauração gradativa da liberdade individual e de propagação de idéias, novas tendências historiográficas se expandiram no território nacional. As contribuições teórico-metodológicas de italianos, franceses, ingleses e norte-americanos puderam ser observadas nos estudos desenvolvidos a partir de então por historiadores brasileiros.

A renovação historiográfica que ocorreu entre 1980 e 1990, trouxe consigo diferentes propostas para a interpretação dos eventos. Novas fontes, problemas e personagens se apresentaram como alternativas instigantes no âmbito da pesquisa acadêmica.

Verificamos que as três obras em estudo dialogam com as transformações características de sua época de produção e com as experiências e convicções pessoais dos autores. Inicialmente, na abordagem de Nicolau Sevcenko, notamos uma análise mais próxima do viés teórico-metodológico - principalmente o marxismo-estruturalista - adotado antes da circulação de referenciais de origem européia e norte-americana. No decorrer dos anos, identificamos estudos históricos (a citar José Murilo de Carvalho e Sidney Chalhoub), que interagem com maior intensidade com as contribuições externas relativas às histórias social e cultural.

A historiografia brasileira pós-1980 passou por alterações que estabeleceram influências diretas nas obras produzidas no período. A Revolta da Vacina e as distintas abordagens construídas sobre ela, apresentadas neste trabalho, apresentam-se como resultado da formação pessoal e intelectual de cada autor, aliada as novas perspectivas e interesses de estudo que se mostravam possíveis no âmbito nacional.

Nossa pesquisa visou demonstrar o porquê de um mesmo tema, negligenciado até aquele momento, tornar-se alvo de interpretações diversificadas no cenário historiográfico brasileiro em um momento em que a censura e a repressão ruíam juntamente com o regime cívico-militar.

Esta monografia demonstra que a escrita da história contém um conhecimento “datado”, em outras palavras, não há neutralidade, fatos puros e

registros feitos que não sejam afetados pela conjuntura do tempo, do espaço e das características da vida e da formação do autor. Apesar do enfoque histórico desta análise, acreditamos que ela não contribui somente para esta área, pois, de certa maneira, aborda procedimentos atuais. A História continua sendo escrita, os meios de comunicação a todo instante divulgam fatos e acontecimentos sob a visão direcionada de redatores. Assim, entender as particularidades que envolvem diferentes interpretações e são transpostas para a linguagem escrita deve ser um exercício constante, não apenas para os historiadores.

Além do mais, devemos considerar que o presente estudo não esgota o assunto tratado, ainda há espaço para serem realizadas pesquisas que, por exemplo, trabalhem com a percepção de historiadores mais recentes sobre a Revolta da Vacina, em um contexto de produção e temporalidade diverso. De tal maneira, cabe a pergunta: em que se diferem as interpretações de pesquisadores do início do século XXI, sobre este evento, em contraposição com as abordagens de historiadores do final do século XX?

Opiniões contrastantes e outras visões sobre o tema são de grande relevância para um estudo mais detalhado. Deste modo, essa e outras indagações similares ficam sugeridas como tema para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Jaime. L.. **A instituição da microbiologia e a história da saúde pública no Brasil**. Ciência e Saúde Coletiva Revista da Associação Brasileira de Pós Graduação Em Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 265-292, 2000.

\_\_\_\_\_. **Reforma urbana e revolta da vacina na cidade do Rio de Janeiro**. In: Jorge Ferreira; Lucilia de Almeida Neve. (Org.). Brasil republicano. Economia e sociedade, poder e política, cultura e representações. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, v. vol 1, p. 231-286.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Trad. Lúcia Maurício de Alverga. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 43-65.

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi. In: \_\_\_\_\_. **Cidadãos Ativos: A Revolta da Vacina**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 91-139.

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. In: \_\_\_\_\_. **Varíola, Vacina e “Vacinophobia”**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 97-185.

GAGNEBIN, Marie Jeanne. **A lavagem do Rio**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos. Vol.10, n.º 2. Rio de Janeiro, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das letras, 2007, p. 143-179.

GOMES, Ângela de Castro. **Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, n.º 34, julho-dezembro, 2004, p. 159.

LOPES, Myriam Bahia. **Corpos ultrajados: quando a medicina e a caricatura se encontram.** História, Ciências, Saúde-Manguinhos. Vol. 6, n.º 2. RJ, 1999.

MATTOS, Revelino Leonardo Pires de. **Revolta da Vacina (1904): Varíola e Vacinação.** Anais do I colóquio do Lahes. Juiz de Fora, 2005.

MORAES, José Geraldo Vinci de & REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros.** São Paulo: Editora 34, 2002, p. 163-182 passim.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **As barricadas da saúde: vacina e protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República.** 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002, 126 p.

PÔRTO, Ângela; PONTE, Carlos Fidelis. **Vacinas e campanhas: as imagens de uma história a ser contada.** Hist. cienc. saúde-Manguinhos. Vol.10, suppl.2. Rio de Janeiro, 2003.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC.** 5ª.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 7-20.

\_\_\_\_\_. **História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p 97-106.

SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes.** São Paulo: Brasiliense, 1984, 93 p.

SONHOS Tropicais (filme). Direção de André Sturm. Brasil: Pandora Filmes, 2002. 1 DVD (120 min.), color., son.

SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do Ouro: A pobreza mineira no século XVIII.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004, p. 9-15.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história.**

Rio de Janeiro: Campus, 2002, 115 p.